

UFRGS inova motor a hidrogênio

Diferencial no trabalho do Instituto de Química é a troca da soda cáustica por elementos não poluentes

Cientistas afirmam que o automóvel do futuro vai circular, certamente, com célula a combustível, sistema que emprega o gás hidrogênio como fonte de energia. Nos países da Europa e nos Estados Unidos já existem veículos com motor a hidrogênio, fabricados pelas grandes empresas automobilísticas. No Brasil, a cidade de São Paulo em breve terá circulando pelas ruas um ônibus com o mesmo sistema. Na UFRGS, o Grupo de Catálise do Instituto de Química é referência internacional no desenvolvimento de pesquisas com fontes alternativas de energia. Ao acrescentar líquidos iônicos à célula combustível, ao invés de utilizar soda cáustica, os químicos da universidade aperfeiçoaram o processo. Agora, o que falta são investidores e vontade política para viabilizar o projeto. Além disso, o professor Roberto de Souza, coordenador do Grupo, ressalta a necessidade da criação de uma extensa rede de apoio ao novo sistema. **Página 11**



FOTOS: FLÁVIO DUINA

Por dentro da evolução urbana de Porto Alegre

Urbanistas da Faculdade de Arquitetura analisam como a capital gaúcha se desenvolveu, falando dos estudos que projetaram seu futuro e dos resultados na paisagem que hoje conhecemos. Para eles, a cidade é uma produção coletiva e não pode ser controlada por nenhuma força ou personagem. **Página central**

Comunicação

JU recebe prêmio e é foco de pesquisa

No mês em que o Jornal da Universidade conquistou o segundo lugar no Destaque Andifes de Jornalismo das Instituições Federais de Ensino Superior, alunos de Relações Públicas da Fabico divulgaram os resultados de pesquisa sobre a publicação. O trabalho procurou identificar quem são os leitores e quais suas preferências. Coincidência ou não, em setembro deste ano o JU completará dez anos de existência: as comemorações já começaram. **Páginas 3 e 7**

Debates

Concessões públicas podem ser vendidas?

O professor de telejornalismo da Fabico, Flávio Porcello, acredita que a venda da Companhia Jornalística Caldas Jr. pode acarretar mais empregos e redução dos espaços disponíveis para as produções independentes na mídia regional. O também jornalista Celso Schröder acredita que o fato demonstra o quanto as concessões públicas de rádio e TV tornaram-se mercadoria de venda fácil. **Página 4**

Mercosul carece de diplomacia cultural

Internacional Maria Susana Arroza Soares, vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, entende que falta ao Mercosul práticas de uma diplomacia cultural através da qual, mais do que acordos econômicos, o bloco crie laços de efetiva integração. “Falta coração, falta alma. Não há um sonho de construção de projeto comum”,

diz a professora. Por outro lado, o predomínio de uma diplomacia presidencial faz com que, cada vez que muda o governo em um dos países membros, o Mercosul seja afetado como um todo. Para ela, iniciativas como a da Associação de Universidades Grupo Montevideo devem ser estimuladas, porque criam raízes profundas entre pessoas e nações. **Página 10**

Filosofando para enfrentar o medo

Atualidade Para o filósofo Luc Ferry, que esteve na UFRGS, participando do seminário *Fronteiras do Pensamento*, as religiões têm sido responsáveis por uma série de radicalismos mundo afora e, certamente, onde a Razão entra em campo, a tolerância tende a ser maior. Em entrevista exclusiva por e-mail, o pensador também declarou que, em toda parte, as religiões serviram para or-

ganizar os homens em comunidades fechadas, que se detestam entre si e se lançam em guerras de extermínio. O professor do Instituto de Psicologia, Edson Luis de Sousa, escreveu um texto em que comenta a palestra e o mais recente livro de Ferry, concluindo que o filósofo interroga o mofo de nossas culpas, nos convocando à responsabilidade com o tempo presente. **Página 5**

Internet Rede mundial contribui para a construção de saber coletivo

Cultura O professor Antônio Lisboa Carvalho de Miranda, da Universidade de Brasília, responsável pela aula inaugural da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, discute a idéia da autoria em ambientes vir-

tuais. Para ele, o caráter múltiplo, dinâmico e incontrolável da *web* é admirável. Miranda vê a Internet como uma ferramenta de construção de conhecimentos, mesmo que esses sejam cópias de outros. **Página 13**

A luta da universidade para sustentar os RUs

Campus A UFRGS vem mantendo, desde 1997, os mesmos preços nas refeições servidas nos quatro restaurantes universitários. Entretanto, nesse período, o número de refeições pulou de 382 mil para mais de um milhão por ano, sendo que a Universidade investiu na construção e ampliação dos espaços e na melhoria da qualidade dos alimentos oferecidos. Para o reitor, José Carlos Ferraz Henne-

mann, enquanto existe uma tendência nacional de terceirizar ou extinguir os restaurantes universitários, a UFRGS firma uma política não só visando sua manutenção, mas também sua ampliação. Ele acrescenta que, no Campus Centro, a administração da Universidade está trabalhando para racionalizar os espaços e atender os usuários com menor tempo de espera em filas. **Página 6**

Tecnologia

Novo aeromóvel tem participação da UFRGS

Campus A universidade vai colaborar no desenvolvimento do protótipo do projeto, que será instalado no campus da PUCRS, junto à avenida Ipiranga. Além da aquisição de novos equipamentos para os laboratórios da Escola de Engenharia, a UFRGS receberá cerca de R\$ 400 mil em bolsas de pesquisa. **Página 7**



Transformações do trabalho são tema de dicionário

Obra pioneira no mercado editorial brasileiro, o *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*, organizado pelos professores do departamento de Sociologia da UFRGS, Lorena Holzmann e Antonio David Cattani, procu-

ra ajudar na compreensão dos fenômenos que preocupam trabalhadores e empresários. Lançada pela Editora da Universidade no final do ano passado, cada verbete da publicação é assinado por um es-

pecialista, que apresenta o conceito, seu histórico, evolução e aplicação na atualidade, além de fazer uma análise crítica. A obra pode ser adquirida nas Livrarias da UFRGS. **Página 12**



Cartas

Desejo felicitá-los pelo merecido "Troféu Destaque Andifes de Jornalismo das Instituições Federais de Ensino Superior". Como membro do Conselho Editorial, acompanho a brilhante caminhada da equipe desse meio de comunicação. Sou conhecedor das dificuldades em manter um jornal atualizado e com matérias que estejam em sintonia com a comunidade acadêmica. Desse modo, sou sabedor da competência de quem o faz e fico feliz em conviver e compartilhar alguns momentos de interação com aqueles que tornaram o *Jornal da Universidade* o segundo maior veículo jornalístico das IFES, reconhecido pela Andifes em 2006. Um forte abraço e que continuem na busca da excelência na arte de informar.

Edson Luiz Lindner
Professor do Colégio de Aplicação

Meus cumprimentos pela premiação do *Jornal da Universidade*!

Giancarla Brunetto
Programadora cultural da Faculdade de Educação

e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS

FOTO: ROMUALDO EURICO RESQUIN SICCO



► 1977 A construção das instalações do Campus do Vale, no bairro Agronomia, durante a gestão do professor Homero Jobim. No início daquele ano letivo, o curso de Letras foi o primeiro a ser transferido para o local.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3308-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,
César Antonio Leal, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Helen Beatriz Frota Rozados, Luis Augusto Fischer, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

REDAÇÃO

Editora-chefe

Ânia Chala

Secretária de redação

Sandra Salgado

Repórteres desta edição

Ânia Chala e Jacira Cabral da Silveira

Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

Fotografia

Cadinho Andrade e Flávio Dutra

Revisão

Ânia Chala e Jacira Cabral da Silveira

Colaboraram nesta edição

Caroline da Silva, Fernando Favaretto e Marcelo Spalding

Circulação

Arthur Bloise

Fotolitos e impressão

Gráfica da UFRGS

Tiragem

12 mil exemplares

Espaço da Reitoria

Qualificação da infra-estrutura

O ano de 2007 começou com diversas ações relacionadas à melhoria da infra-estrutura de nossa Universidade. As reformas nos restaurantes universitários e o início das obras das salas de aula da Faculdade de Veterinária são duas iniciativas de qualificação do ambiente acadêmico e do fortalecimento da assistência ao estudante. Já a inauguração da Clínica do Adulto na Faculdade de Odontologia, significa a ampliação das possibilidades de aprendizado de nossos alunos, a integração da Universidade com

a sociedade no âmbito regional e a recuperação de importante espaço acadêmico.

Além desses, com a implantação do Programa de Monitoramento da Qualidade do Biodiesel no Rio Grande do Sul, o Centro de Combustíveis, Biocombustíveis, Lubrificantes e Óleos (Cecom) do Instituto de Química passou a ser um dos sete laboratórios do país capacitados a efetuar a análise e monitoramento do biodiesel/diesel comercializados no estado. Isto significa que, mais uma vez, a UFRGS cumpre plena-

mente sua missão de universidade pública e credencia-se no cenário nacional como uma das principais instituições de pesquisa, o que repercute no nível de ensino de graduação e pós-graduação.

A modernização das instâncias e dos processos de planejamento implica atender setores que cumprem papel importante no dia-a-dia da instituição. Foi com este propósito que entrou em funcionamento, neste início de ano letivo, a impressora *offset* bicolor na Gráfica da Universidade. A máquina vai permitir o aumento da

capacidade de impressão e da qualidade do atendimento de nossa comunidade, além de ampliar o espaço para estágio de estudantes. Esta edição do *Jornal da Universidade* já é um exemplo, pois foi realizada no novo equipamento.

Todas essas ações integram nosso plano de gestão. Cumpri-las nos dá uma dupla satisfação, honrar os compromissos assumidos e melhorar as condições de trabalho de toda comunidade da UFRGS.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Artigo

História do movimento estudantil

Um dos temas que não têm recebido a atenção merecida pela comunidade acadêmica é relativo ao peso da participação dos jovens na construção da democracia. Como é a dinâmica dos chamados "movimentos de juventude"? Qual o papel da juventude brasileira na construção de uma cultura política orientada por atitudes e valores democráticos? Como tem-se dado, no contexto atual, as formas de socialização da juventude no campo político?

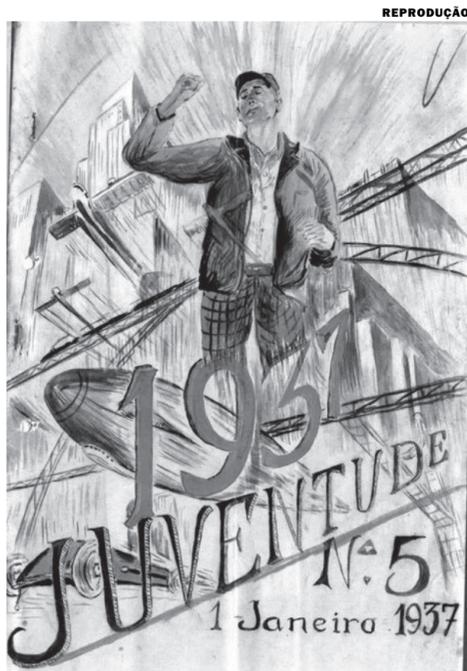
Para atender a estas questões, a Câmara Municipal de Porto Alegre, através de seu Memorial, elaborou a exposição "História do Movimento Estudantil", cujo objetivo é divulgar aspectos dos jovens como movimento social. Contribuição importante para o resgate da memória da mobilização estudantil, sua proposta é revelar a presença de valores de cidadania, democracia e participação social dos jovens ao longo do tempo. A mostra foi apresentada na UFRGS em dezembro de 2006.

Sobre a eterna questão do distanciamento dos jovens em relação à política, a exposição mostrou que eles não estão indiferentes, mas, ao contrário, participaram dela à exaustão e hoje seguem indignados porque sentem a carência de referenciais partidários e ideológicos consistentes. João Pedro

Schmidt, em *Juventude e Política no Brasil*, constatou que 80% dos jovens já tiveram algum tipo de participação em atividades ou organizações políticas, e 85% têm disposição para participar, ainda que vejam com certa relutância as instituições formais.

A análise histórica reforça a ideia de que os jovens sempre participaram da política. Entre 1900 e 1930, surgiram as primeiras organizações nacionais do movimento estudantil brasileiro: em 1901 foi criada a Federação de Estudantes Brasileiros; em 1910 realizou-se o I Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo; em 1929 foi criada a Casa do Estudante do Brasil, visando à assistência social aos estudantes. Nos anos 1930, os estudantes tomaram parte na Revolução Constitucionalista de São Paulo e, a partir de 1934, formaram organizações como a Juventude Comunista e a Juventude Integralista, a União Democrática Estudantil, a Federação Vermelha dos Estudantes e a Frente Democrática da Mocidade.

Em 1937, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE), marco do movimento estudantil nas décadas seguintes. Lutando contra o nazi-fascismo e pela redemocratização nacional, entre 1945 e 1964, os estudantes participaram de movimentos como "O petróleo é nosso", apoiaram a campanha da legalida-



de (1961), criaram o Centro Popular de Cultura e a UNE Volante. Mesmo durante o período mais difícil, de 1964 a 1974, o movimento estudantil não deixou de atuar na luta contra a ditadura militar e pela defesa do retorno às liberdades democráticas.

Entre 1974 e 1984, o movimento estudantil buscou reorganizar-se promovendo o I

Encontro Nacional de Estudantes (ENE), que iniciou os debates visando à reconstrução da UNE. Em 1984, os estudantes participaram ativamente da campanha das Diretas Já, apoiando a candidatura de Tancredo Neves à presidência da República e, após, o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello.

O movimento estudantil entrou na democracia buscando alternativas, participando de movimentos sociais, criticando as instituições políticas tradicionais, sem abandoná-las por completo. Elegeru seus representantes e colaborou no fortalecimento dos grêmios estudantis na medida em que participou do retorno às liberdades democráticas no país. Distante da alienação que lhe atribuem, é um movimento que escolhe onde e como atuar. O alvo privilegiado de políticas públicas "de juventude" chega ao século XXI como ator social sem o qual é impossível pensar a construção da democracia no país.

Jorge Barcellos

Historiador, mestre em educação pela UFRGS e coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre

ciência ■

Pesquisa com células-tronco ganha incentivo

Laboratório criado na Faculdade de Farmácia da UFRGS segue padrão internacional

Em março, foi inaugurado o novo laboratório de células-tronco da Faculdade de Farmácia, junto às instalações dos laboratórios de hematologia, microbiologia e microscopia. O espaço, equipado com verba de projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq, teve sua estrutura física construída obedecendo aos padrões de construção de um laboratório de primeiro mundo. O empreendimento mantém todas as condições para evitar contaminação, como ante-sala para troca de roupa, ambiente com opção de luz ultravioleta e sala com pressão positiva.

A criação do novo espaço ganha uma dimensão maior ao atender, além da pesquisa, as áreas de

ensino e extensão para os alunos de graduação de Farmácia. Assim, os discentes aprendem, por exemplo, a separar as células do sangue de cordão umbilical ou da medula óssea, exatamente o mesmo procedimento feito no Brasil e no exterior.

As pesquisas com células-tronco existem, no exterior, desde 1968 e ganharam força, em 1996, quando os pesquisadores e médicos começaram a usar os resultados não só para casos de leucemia, mas também para tratamento de doenças cardíacas, por exemplo. As pesquisas nesta área na UFRGS tiveram início com a professora Nance Nardi, do Laboratório de Imunogenética do Campus do Vale. Para a professora Patrícia Pranke, atual chefe do Laboratório de Hematologia e Células-tronco da Faculdade de Farmácia, esta nova fase que inicia dentro da Universidade torna viável a integração do ensino, pesquisa e extensão em torno de uma área que está revolucionando a medicina.



Estudantes aprendem a separar células do sangue de cordão umbilical

geologia ■ Curso pioneiro chega aos 50 anos

O curso de Geologia da UFRGS faz cinquenta anos em 2007. A cerimônia oficial alusiva à data está prevista para o dia 29 de maio, quando também se comemora o dia do geólogo. Primeiro a realizar vestibular nesta área no Brasil (Janeiro 1957), o curso de Geologia tem sua pós-graduação classificada entre as melhores do país, de acordo com a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Tudo começou com a iniciativa do hoje professor emérito Irajá Damiani Pinto que, em 1955 e 1956, foi um dos convidados pela recém-criada Petrobras a ministrar cursos sobre geologia do petróleo. A partir dessa experiência, passou-se a discutir a necessidade da formação de geólogos no país, uma vez que a Petrobras só dispunha de engenheiros e agrônomos para realizar suas primeiras perfurações no sertão baiano. Com o objetivo de atender esta demanda, o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, criou a Campanha de Formação de Geólogos (Cage). Damiani, que era um dos titulares do curso de História Natural, da Faculdade de Filosofia e Letras, e pesquisador em paleontologia, encabeçou a criação do primeiro curso no Rio Grande do Sul. Além da UFRGS, a Cage também financiou em 1957 a criação de cursos de geologia em São Paulo, Ouro Preto e Recife. Por isso, ao comemorar seu cinquentenário, a Geologia da UFRGS, atualmente integrante do Instituto de Geociências, festeja também o sucesso do setor petrolífero nacional pelo qual é co-responsável direta.

vestibular 2008 ■ Novas leituras obrigatórias

A Comissão Permanente de Seleção da UFRGS (Coperse) divulgou as mudanças na lista das leituras obrigatórias para o vestibular do próximo ano. A alteração faz parte da metodologia adotada pela instituição e substituiu os quatro últimos títulos da lista. As novas obras que os vestibulandos precisarão conhecer ao longo do ano são: *Fogo morto*, de José Lins do Rego; *Antes do baile verde*, de Lygia Fagundes Telles; *Dois irmãos*, de Milton Hatoum; e *Concerto campestre*, de Luiz Antônio

de Assis Brasil. Continuam a figurar na listagem as seguintes obras: *Os Lusíadas - Cantos I e IV* (Luís de Camões), *Espumas Flutuantes* (Castro Alves), *Iracema* (José de Alencar), *Quincas Borba* (Machado de Assis), *O Alienista*, *Um homem Célebre*, *Conto de Escola*, *Noite de Almirante*, *Uns Braços* (Machado de Assis), *O crime do Padre Amaro* (Eça de Queirós), *Romanceiro da Inconfidência* (Cecília Meireles) e *Os Ratos* (Dyonélio Machado).



Espaço será utilizado para atendimento de pacientes do SUS

saúde ■ Odontologia inaugura clínica

Com 44 consultórios completos para atender pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), foi inaugurada, em março, a Clínica do Adulto da Faculdade de Odontologia. O novo laboratório é de grande importância para a melhoria na

qualidade do ensino oferecido aos estudantes e será utilizado pelos alunos da graduação para a prática odontológica. Contribuíram para a efetivação da obra o Ministério da Saúde, a Prefeitura de Porto Alegre e a própria Universidade.

jovem cientista ■ Aluno da UFRGS conquista terceiro lugar

Após seis anos de pesquisa, o engenheiro metalúrgico e doutor em Ciências e Tecnologia de Materiais pela UFRGS, Hugo Marcelo Veit, conquistou o terceiro lugar na categoria Graduado do XXII Prêmio Jovem Cientista. Ele criou um método inédito para a reciclagem de sucatas eletrônicas e receberá um prêmio de dez mil reais e uma bolsa de estudo do CNPq, além de ter seu trabalho publicado em livro.

música ■ Graduação a distância

O programa Pró-licenciatura em Música é o primeiro curso de graduação a distância em música do país e irá formar 840 professores da educação básica de cinco estados diferentes em nove semestres, numa parceria entre sete universidades. A UFRGS irá fornecer os diplomas. Em fevereiro, o Centro de Artes e Educação Física da Universidade (Caef) realizou o primeiro curso de capacitação em Música para docentes nos laboratórios do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias em Educação, do qual participaram 26 professores das universidades parceiras. O programa pró-licenciatura objetiva atender a formação inicial de docentes sem habilitação na disciplina de música, que estão em efetivo exercício na rede pública de ensino médio e nas séries finais do ensino fundamental.

prêmio ■ Jornal da Universidade é premiado pela Andifes

O Jornal da Universidade conquistou o segundo lugar no Destaque da Andifes de Jornalismo das Instituições Federais de Ensino Superior de 2006. Criado em 2005 para valorizar a produção jornalística na área da educação, o Destaque Andifes contou com a participação de 12 instituições. Foram escolhidas as três melhores publicações impressas, com base na importância dos temas das reportagens, a preocupação com a comunidade acadêmica, o relacionamento com a sociedade e o projeto gráfico. É a primeira vez que a UFRGS participa do concurso, sendo que o vencedor foi o Jornal da UFRJ, e o Jornal UnB Notícias, publicação da UnB, ficou em terceiro lugar.



ARTE: ROSANE VIEIRA

TEATRO, PESQUISA E EXTENSÃO 2007

Espectáculo de estréia

Ânsia

direção de Júlia Rodrigues

Apresentações às quartas-feiras, 12h30min e 19h30min
Dias 4, 11, 18 e 25 de abril

PROMOÇÃO:
Departamento de Arte Dramática
do Instituto de Artes da UFRGS,
PROPEQ e PROREXT

Mostra de espetáculos teatrais universitários com entrada franca
De abril a novembro nas salas Alziro Azevedo
(Av. Salgado Filho, 340) e Qorpo Santo (Av. Paulo Gama, s/nº.)

UFRGS



No início deste semestre, a rede Record, controlada pela Igreja Universal, anunciou a compra das rádios, da tv e do jornal da Companhia Jornalística Caldas Jr., até então de proprietários gaúchos. A notícia caiu como uma bomba, tanto no meio jornalístico quanto na sociedade em geral, uns com os olhos no mercado, outros, preocupados com a continuidade de suas leituras e programas diários. O jornalista e coordenador-geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, Celso Augusto Schröder, diz que é “desfaçatez fazer negócio com o que não é seu”, quando analisa a venda do canal de televisão e das rádios, pois ambas são concessões públicas. Já o professor da Faculdade de Biblioteconomia Comunicação da UFRGS, e também jornalista, Flávio Porcello, questiona o fato do Brasil “ter uma lei de quase meio século regulando uma atividade tão dinâmica como a comunicação de massas através da mídia eletrônica”.



FLÁVIO DUTRA

VENDA DE CONCESSÕES PÚBLICAS DE RÁDIO E TV

Terremotos, de novo

Celso Augusto Schröder*

Rio Grande do Sul, de tempos em tempos, é assolado por “abalos sísmicos” na área da comunicação. Esses terremotos quase sempre causam destruição, embora, do ponto de vista geológico, possam ser agentes de reconstruções ou rearranjos. O estado sofreu durante as décadas de 70 e 80, o fechamento de jornais e a diminuição do espaço destinado ao jornalismo na tv e no rádio. As sucursais dos grandes jornais sumiram ou foram reduzidas drasticamente. Somente nos anos 80, ocorre uma reação, com o surgimento do Diário do Sul, de vida efêmera; com o ressurgimento do Correio do Povo, num formato miniatura e, já nos 90, com o lançamento do Diário Gaúcho e do atípico O Sul. De qualquer maneira, essa reação se dá em um cenário devastado, que em nada lembrava a história do estado no que diz respeito ao número de veículos e à importância social dos mesmos.

Pois, recentemente, mais um terremoto abalou o estado. Numa dimensão que ainda precisa ser avaliada, foi anunciada a compra do jornal Correio do Povo, da Rádio Guaíba e da TV Guaíba pela Rede Record, que mantinha um contrato público com a Rede Pampa e sustentaria, segundo alguns, o jornal O Sul. O ne-

gócio foi mantido em segredo pelo proprietário da Caldas Jr., Renato Ribeiro, não tendo sido informado inclusive aos funcionários das empresas vendidas, que souberam da transação pelos seus concorrentes. Depois do terremoto, o tradicional e letal *tsunami* mais de 80 funcionários da Pampa foram imediatamente demitidos. Demitidos por assim dizer, já que quase todos não mantinham sequer contratos formais de trabalho. Mas a onda ainda não parou e ameaça aniquilar mais empregos.

Algumas questões são relevantes nesses negócios/terremotos que acometem de tempos em tempos a mídia nacional. Primeiro, a desfaçatez de se fazer negócio com o que não é seu. As concessões públicas de rádio e tv, supostamente objetos de criteriosa seleção por parte do poder público, transformam-se em mercadoria de venda fácil, gerando o “negócio” de ganhar e vender concessões. Prática, muitas vezes, mais lucrativa do que explorar o serviço de radiodifusão.

Por outro lado, o estado obviamente per-

As concessões públicas de rádio e TV tornaram-se mercadoria de venda fácil

deu poder ao entregar uma das suas mais importantes empresas de comunicação para uma rede de fora do Rio Grande do Sul. Não vamos esquecer que Breno Caldas, primeiro proprietário das empresas agora vendidas, ao morrer estava tecnicamente falido, deixando inclusive sua família em dificuldades financeiras, por não querer colocar a TV Guaíba em rede. Aliás, era a única emissora do país que permanecia fora das redes. A nova Caldas Jr. não era exatamente uma empresa preocupada com qualidade de informação ou de conteúdos de entretenimento. A rádio Guaíba era uma sombra do que fora, e a TV Guaíba estava com a sua programação completamente loteada, contrariando a lei, inclusive. No entanto, o Correio do Povo, mal ou bem, garantia uma certa pluralidade no que diz respeito à informação impressa e só não cresceu por ordem expressa de seu proprietário.

Contudo, a rede que comprou a Caldas Jr. já vem com marcas preocupantes na sua atuação. Primeiro, sua visão de mundo unilate-

ral determinada por um credo religioso; depois, a disposição monopolista demonstrada em mais de uma oportunidade. Mas pode ser que esse terremoto produza resultados positivos no marasmo midiático que é o RS, pois a Record anuncia investimento no jornal, na rádio e na tv. Mais do que isso, sinaliza com a manutenção das características gaúchas dos veículos, embora os coloque em rede, e garante que não haverá demissões em números expressivos.

Só saberemos o tamanho da onda depois dela passar, mas certamente o cenário não será mais o mesmo. Torçamos para que seja um cenário mais democrático, com veículos sem serem utilizados partidariamente pelos seus proprietários. Que a qualidade da informação seja uma preocupação presente nestes novos tempos, com melhores salários e condições de trabalho para seus jornalistas e radialistas. Que o Rio Grande do Sul se enxergue melhor nos seus programas e noticiários e, principalmente, que a pluralidade seja a marca pós-terremoto.

* Jornalista, professor da PUCRS e coordenador-geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC)

Moeda política

Flávio Porcello*

Os jornais pouco ou nada publicaram sobre o assunto, mas o final do verão de 2007 no Rio Grande do Sul foi sacudido pela notícia da venda das tradicionais e conceituadas Rádio Guaíba (AM e FM), da TV Guaíba e do jornal Correio do Povo para a Rede Record, da Igreja Universal do Reino de Deus. Mais do que uma simples operação comercial, a milionária transação avaliada em R\$ 100 milhões provocou as mais variadas reações, que variaram do júbilo ao repúdio. Porém, acima de tudo, serviu para evidenciar de forma bastante significativa a questão das concessões de rádio e televisões no Brasil.

Do ponto de vista do mercado, a chegada da Record como proprietária de rádio e TV é ambígua. Aparentemente, significa uma boa notícia para os profissionais de comunicação: mais empregos. E uma má notícia para os produtores independentes: a redução dos espaços disponíveis na mídia regional já que a TV Guaíba terceirizava todos os seus horários para produções locais.

Mas não é isso que vamos abordar aqui. O propósito do presente artigo é apontar dados e questionar os critérios para a con-

cessão do espaço eletromagnético, um espaço público de prestação de serviços, para as transmissões de rádio e TV.

A radiodifusão no país é regida pelo Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei 4117, de 27 de agosto de 1962, ainda no governo João Goulart). Você já se deu conta do que mudou no mundo em quase meio século, desde que a lei foi promulgada até os dias de hoje? Dá para imaginar uma lei de quase meio século regulando hoje uma atividade tão dinâmica como a comunicação de massas através da mídia eletrônica?

É verdade que a referida legislação passou por algumas atualizações, mas ela tem uma concepção muito antiga. Hoje o governo trabalha para produzir uma nova lei, entretanto, as discussões sobre o tema ainda não avançaram.

Desde 1988, a Constituição Federal determina que os Meios de Comunicação Social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio (parágrafo 5, art. 220). O decreto-lei 236/67 limita a

Como uma lei de quase meio século regula uma atividade dinâmica como a comunicação?

participação societária do mesmo grupo nas empresas de radiodifusão em cinco concessões de rádio e TV em VHF (nível nacional) e em duas no sistema UHF (nível regional). Mas as normas legais mais recentes (Lei Mínima, Lei do Cabo, Lei Geral das Telecomunicações) não incluíram dispositivos que limitem ou controlem a concentração da propriedade.

As grandes redes de TV têm mais emissoras do que o permitido. A Globo, por exemplo, tem participação em 32 emissoras, sendo 10 próprias. Para informações mais detalhadas sobre o assunto recomenda-se a consulta aos livros de Venício Lima (*Mídia: crise política e poder no Brasil*. S.Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2006, 176 p) e Othon Jambeiro (*Regulando a TV*. Salvador: Ed. UFBA, 2000, 248 p).

Não há normas ou restrições para a “afiliação” de emissoras de rádio ou TV, ou seja, para a formação de redes regionais ou nacionais. O período de carência legal para a venda de concessões de radiodifusão é de

cinco anos, mas esse prazo nem sempre é respeitado e nem mesmo fiscalizado. A propósito: alguém conhece algum caso de concessão que não tenha sido renovado?

A concessão de rádio e TV no Brasil é moeda política.

As relações de mútua aproximação e interesse entre mídia e poder são bem mais reais do que imaginárias. Os detentores do poder concedem e os beneficiários das concessões retribuem com generosos espaços e apoio explícito. Desde a volta do regime democrático no Brasil, das eleições diretas de 1989 até hoje, em torno de 23% dos eleitos para o Congresso Nacional são políticos ligados aos meios de comunicação. Um terço dos deputados federais e senadores eleitos em 2006 são proprietários ou ligados a donos de rádios, tv ou jornais. Deu para entender porque os legisladores não estão muito interessados em diminuir a concentração e democratizar os meios de comunicação?

Afinal, a mídia é o espaço público onde a política acontece. Mas as regras para a ocupação desse espaço devem ser claras e democráticas.

* Professor de telejornalismo na Fabico

Sem medo de pensar

Filosofia Para Luc Ferry, o problema fundamental das grandes religiões e filosofias é manter a lucidez

Ânia Chala

Ele já foi ministro da Educação da França e gerou a maior polêmica ao proibir o uso de símbolos religiosos nas escolas públicas daquele país. Aos 55 anos, Luc Ferry acredita que os políticos têm muito menos poder do que imaginam os cidadãos. “Uma das razões é a globalização, que lhes retirou grande parte do poder. Outra, é a própria mídia, pois, mesmo que se tenha uma série de projetos básicos, quando se assume um ministério, em seguida descobre-se que os imperativos da comunicação falam mais alto.”

Autor de vários livros traduzidos no Brasil, entre os quais *O homem-Deus ou o sentido da vida* (Difel, 2007, 208 p.) e *Aprender a viver – Filosofia para os novos tempos* (Objetiva, 2007, 302p.), ele foge à tradição de intelectuais franceses, que sempre se opuseram ao poder público, por entender que a crítica à sociedade moderna deve partir de dentro do próprio sistema.

Durante a coletiva de imprensa que precedeu sua conferência para o seminário *Fronteiras do Pensamento*, realizada em 20 de março no Salão de Ato da UFRGS, Ferry lembrou que as religiões foram responsáveis por uma série de radicalismos mundo afora, e que, certamente onde a Razão entra em campo, a tolerância tende a ser maior. Nesta entrevista exclusiva, feita por e-mail, ele fala de sua experiência política e da preocupação em disseminar o ensino da Filosofia.

Jornal da Universidade – Como ministro da educação, o senhor en-

frentou uma série de protestos por conta da proibição do uso de símbolos religiosos nas escolas públicas de seu país. Hoje, o senhor repetiria a medida? Que resultados benéficos ela trouxe?

Luc Ferry – Antes de responder, convém apresentar dois aspectos sobre a questão: esta lei não recebeu críticas, exceto no caso de alguns fanáticos, mas foi aceita por 75% dos franceses e aprovada, tanto pela esquerda quanto pela direita, o que é raro. Ademais, só proibiu na escola os símbolos religiosos ostensivos, não os signos discretos. Isto esclarece qual a essência da questão? Não sabemos no estrangeiro, mas a França é o país que possui, ao mesmo tempo, a mais importante comunidade judaica (a terceira no mundo, após Israel e EUA) e a maior comunidade muçulmana (aproximadamente 5 milhões de pessoas). Pois, no dia seguinte à segunda “intifada”, em 2002, observamos os enfrentamentos se multiplicarem entre judeus e muçulmanos. Seria preciso que, neste contexto, as crianças se enfrentassem fisicamente na escola? Eu penso que não e, por isso, decidimos proibir portar signos religiosos “militantes” ou agressivos. Não foi uma medida anti-religiosa, mas somente uma preocupação de pais em relação às crianças, as quais não devemos deixar entrar em guerra. Os efeitos foram imediatamente positivos e, hoje, não há mais um só conflito nesta área. Por isto, se tiver que tornar a fazer será certamente a primeira coisa que farei.

JU – O senhor acredita que a disseminação do pensamento filosófico entre jovens e adultos pode reduzir a intolerância?

Ferry – Sim, estou convencido. Tenho grande respeito pelos crentes,

mas se você observar as coisas objetivamente, verá que todas as guerras atuais são de origem religiosa: Darfur, Algeria, Irlanda, Balcãs ou Iraque. Em toda parte, as religiões serviram para organizar os seres humanos em comunidades fechadas que se detestam entre si e se lançam em guerras de extermínio. A fé é algo belo, mas o dogmatismo religioso um infortúnio e, neste contexto, o sopro do pensamento laico, filosófico nos trará um pouco de ar fresco.

JU – Como a filosofia vê a expansão da chamada literatura de autoajuda? Ela estaria ocupando o espaço dos filósofos da atualidade?

Ferry – Você tem razão. Há algumas décadas, a filosofia se tornou uma disciplina essencialmente crítica, reflexiva, tratando de argumentar sobre questões relacionadas a sociedades ou temas políticos. Tudo isso não tem nada a ver com a verdadeira filosofia. Tanto em Epicuro ou Epíteto (Epicetetus), assim como em Spinoza ou Nietzsche, por exemplo, o objetivo da filosofia é auxiliar os humanos a superarem os medos que os impedem de alcançar uma “vida boa”. É principalmente o medo da morte, muitas vezes mais a do ente querido que a nossa própria, que nos “aprisiona”, amesquinha a existência e nos impede de sermos livres e abertos aos outros, generosos e capazes de amar. A única diferença entre filosofia e religião é que as grandes filosofias prometem nos salvar dos medos através de nós mesmos e pela Razão, lá onde as religiões nos convidam a fazê-lo através de um Outro, Deus, e através da fé. Mas nos dois casos, excluindo essa diferença, se tratam de doutrinas de salvação.

JU – No livro *Aprender a viver – Filosofia para os novos tempos* o



“O medo da morte nos aprisiona, nos impedindo de alcançar uma vida plena”

senhor parte desse medo da morte para dar uma aula sobre a filosofia e suas escolas. Depois de anos de pensamento filosófico, a morte ainda é o maior temor do ser humano? Por quê?

Ferry – Porque a morte não é somente o fim da vida biológica. É, também, o fim da essência mesma da vida, a parte mais alegre e a mais ativa e tudo o que exalta de irreversível. Num célebre poema de Edgar Allan Poe, a morte é representada por um corvo que repete sempre a mesma coisa: “Never more”, nunca mais. Para uma criança, a morte pode ser simplesmente uma mudança de endereço, a separação dos pais, o fim das férias maravilhosas, tudo o que dá a sensação de que uma parte da vida passou e não retornará jamais. É isto que nos angustia, e é por causa dessa experiência que

somos permanentemente pegos nas armadilhas do passado, ou nas miragens do futuro: o passado nos “puxa para trás”, quer ele tenha sido feliz ou infeliz. Por outro lado, quando cedemos às ilusões do futuro, imaginamos que tudo será melhor se mudarmos de cidade, profissão, carro etc. Aprisionados permanentemente pelas angústias que povoam o passado e o futuro, nos esquecemos de viver a única dimensão real: o presente. Os Estóicos, como os Budistas, mas também como Nietzsche, pensam que o verdadeiro sábio é aquele que consegue lamentar um pouco menos, esperar um pouco menos e amar um pouco mais. Segundo eles, é necessário fazer isto para escapar das angústias associadas à morte. Nem sempre isso é fácil, bem entendido... (Tradução de Maria Hildergard Wagner)

“Fazer ou morrer”

Edson Luis André de Sousa

Depois de ouvir a palestra do filósofo Luc Ferry no Seminário *Fronteiras do Pensamento* fui imediatamente ler seu último livro *Aprender a viver – filosofia para os novos tempos* (Editora Objetiva, RJ, 2007). Fui movido pela curiosidade de saber um pouco mais sobre o estilo do filósofo e de como ele podia ser tão claro e direto em sua conferência, tratando de temas tão complexos, tão instigantes, tão cruciais. Sua fala no Salão de Ato da UFRGS gerou em muitos uma perturbação, bastava ouvir os comentários que se sucederam logo depois de sua conferência. Lembrei imediatamente de Marlow, personagem central da novela de Joseph Conrad intitulada *Juventude*. Marlow relata, logo no início do romance, o que o fez se jogar em uma vida de aventuras e percur-

dos por muitos mares. Lembra que tudo começou quando avistou uma inscrição semi-apagada no casco de um velho navio: “Fazer ou morrer!”. Luc Ferry instigou o público exatamente neste ponto. Busca apoio em muitos pensadores da primeira filosofia, que situa nos estoicistas, para mostrar que a função da filosofia é confrontar o humano com a sua condição de finitude e, assim, poder ajudá-lo a vencer o medo de viver melhor. Segue o fio condutor de uma célebre frase de Montaigne, que diz que “filosofar é aprender a morrer”. Este percurso, que chega até a filosofia contemporânea, vai discorrer sobre tantos temas tão vivos em nossa vida cotidiana: a experiência do tempo, a nostalgia do passado, a esperança, a liberdade, o amor, a função da dúvida, a necessidade da fé, as estratégias da salvação, a função do conhecimento, entre outros.

A contraposição cristalina entre duas estratégias da salvação, que o filósofo situa de um lado na religião e

do outro na filosofia, parece-me justa, mas não suficiente. Justa, na medida em que destitui algumas falácias dos argumentos que sustentam as profissões de fé. Cumpra aqui a mesma função que Estamira no comovido documentário de Marcos Prado, que se esforça para mostrar a inoperância da fé em Deus em sua vida de miséria.

As escolhas, evidentemente, no campo da filosofia, apostam no motor organizador da vida e na aposta libertadora da Razão. A sabedoria, diz Ferry, poderia vir pelo esforço da razão em vencer o medo que a finitude despertou em nós. Aliás, é assim que define em seu livro a função essencial da filosofia: “Se a filosofia culmina numa doutrina da salvação, e se aquilo de que devemos nos salvar são os medos ligados à finitude, esses exercícios devem ser totalmente orientados para a supressão da angústia...” (Ferry, *Aprender a Viver*, p. 59)

Contudo, sabemos que a angústia e junto com ela, os sintomas,

como demonstrou Sigmund Freud, que aliás Ferry também inclui em seu livro, não se remove com bons argumentos, nem com boas intenções. Que pena! Lembro aqui a provocadora afirmação de Freud em seu clássico texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), no qual lembra que mesmo que o caminhante cante na escuridão e recuse seu estado de angústia, nem por isto pode ver mais claramente. Freud, neste ponto, insistia sobre os limites da razão em dar conta da experiência do eu. Ao propor o conceito de inconsciente, introduz uma radical reversão nesta equação do que, às vezes, confortavelmente, nomeamos como o “si mesmo”.

O próprio Ferry evoca em muitos momentos Nietzsche, principalmente quando mostra criticamente o limite da própria teoria. Lembro o que aponta de Nietzsche no ensaio *Para além do bem e do mal*: “Toda filosofia dissimula uma outra filosofia, toda opinião é um esconderijo, toda palavra pode ser uma máscara-

ra.” (Ferry, p. 187). Este é um ponto fundamental, pois, ao mesmo tempo em que aponta o limite de toda palavra, indica que não há outra direção senão através dela. É neste tropeço com a linguagem, neste esforço de transmissão e dissimulação que o pensamento nos engaja, que temos que encontrar alguma luz.

Luc Ferry inquieta, provoca nossos *acherontes*, interroga o mofo de nossas culpas, aposta na argumentação pelo detalhe de uma imagem, nos convoca à responsabilidade com o tempo que temos. A provocação de seu “aprender a viver” já seria muito se produzisse em nós um despertar, mesmo nos deixando com as mãos vazias. Quem sabe aí não levaríamos mais a sério a frase que fez despertar o jovem Marlow.

Professor dos Programas de Pós-graduação de Psicologia Social e Institucional e de Artes Visuais da UFRGS



CADINHO ANDRADE

Quanto custa manter os RUs

Assistência Investimentos nos restaurantes têm ampliado número de usuários

Ânia Chala

Os estudantes, servidores e professores da UFRGS, que diariamente enfrentam as longas filas nos quatro restaurantes universitários, talvez não tenham idéia do volume de refeições servido nos quase 250 dias de funcionamento anual. No RU do Campus do Vale, por exemplo, nos dias de maior movimento da semana, a média chega a 6.500 refeições/dia.

A universidade vem praticando os mesmos preços desde 1997, por interesse político das administrações, que entendem que a alimentação é um dos principais itens da manutenção dos estudantes, especialmente os de baixa renda. Segundo Angelo Ronaldo da Silva, secretário de Assuntos Estudantis, é difícil dizer atualmente quem se

enquadra nesta categoria. “O programa de benefícios da UFRGS tem 1.800 alunos, mas e os outros? Há muitas famílias de nossos estudantes que sofrem as consequências da precarização do trabalho”, diz o secretário.

A fila é um problema social e de infra-estrutura, e quanto mais eficiente a universidade for no atendimento dessa demanda, maior ela será. A Pró-reitoria de Planejamento (Proplan) aloca recursos para subsidiar o valor dessas refeições com verba da própria instituição, num esforço para manter esse item importante da assistência estudantil.

A Secretaria de Assuntos Estudantis, por outro lado, acolheu a sugestão de alunos da Escola de Engenharia que mantém uma empresa júnior, e irá disponibilizar mais um caixa e mais um bufê no RU do Campus Centro para agilizar o atendimento. As mudanças serão aplicadas ainda neste mês.

Manutenção sem subsídio

Há 10 anos, os restaurantes serviam 382 mil refeições. Em 2006, os quatro RUs ofereceram mais de um milhão de refeições. A questão toda

é como gerenciar esse crescimento mantendo o preço. Esse é um problema sério que as universidades federais enfrentam.

Segundo dados da Proplan, de 2002 a 2006, o déficit cresceu de 26,16% para 52,05 %, que é o que a UFRGS paga de diferença para manter só o custo da bandeja. Isso sem falar nos valores necessários para pagamento da luz, da água e dos recursos humanos.

De acordo com o reitor, José Carlos Hennemann, “enquanto há uma tendência nacional de terceirizar ou extinguir os restaurantes universitários, a UFRGS firma uma política não só visando sua manutenção, mas também sua ampliação.” Ele entende que as pessoas que procuram os RUs o fazem porque precisam, e por isso a universidade não pode ficar omissa. “Não havendo mais verbas federais orçamentárias para tal fim, temos a determinação de mobilizar todos os recursos humanos e financeiros para continuar servindo refeições a baixo custo sem nenhum prejuízo a sua qualidade. Esta decisão é um compromisso de nossa administração, consagrada em nosso Plano de Gestão, e

abrange os quatro campi.”

O professor Hennemann acrescenta que, no Campus Centro, onde a expansão da área física é mais difícil, a administração da universidade está trabalhando para racionalizar os espaços e atender os usuários com menor tempo de espera em filas. “Já colocamos em funcionamento o RU do Campus da Saúde e começamos a servir café da manhã na Casa do Estudante na Agronomia. Estamos também trabalhando para viabilizar um restaurante no Campus Olímpico, e já está em andamento a obra de ampliação no RU do Campus do Vale, que permitirá sua expansão em mais de 50%. É um esforço muito grande, mas estamos convencidos de que é necessário.”

Cuidado ambiental e reformas

Os restaurantes universitários também servem como campo de experimentos, integrando a parte acadêmica da UFRGS, com a realização de estágios. O curso de Nutrição, por exemplo, realiza aulas práticas nos restaurantes semestralmente, assim como os cursos de Engenharia de Produção, Tecnologia de Alimentos e Biotecnologia.

Entre as novidades deste início de semestre, destaca-se a substituição do combustível que alimentava as caldeiras do RU do Campus do Vale. Ao invés do óleo, que causava problemas de poluição atmosférica, agora é utilizado gás, um combustível muito mais limpo do ponto de vista ambiental. Além disso, as obras de ampliação daquele restaurante, que aumentarão sua capacidade de 500 para 1.000 lugares, devem estar prontas até o final de 2007.

A Superintendência de Infra-estrutura relaciona entre os investimentos da universidade a futura reforma do RU do Campus Centro. Será uma obra estrutural que vai modificar não apenas a parte do refeitório, mas também a cozinha e as instalações para os funcionários. A idéia é ampliar a capacidade de atendimento, equipando aquele restaurante aos demais, que receberam melhorias nos últimos anos.



FÁBIO SOUZA

Conhecendo a UFRGS

Centro de Música Eletrônica (CME)

Ao completar quatro anos de atividade, o Centro de Música Eletrônica (CME), do Instituto de Artes da UFRGS, comemora a ampliação das disciplinas de música e tecnologia nos cursos de bacharelado e licenciatura. Segundo o professor e compositor Eloy Fritsch (foto), coordenador do Centro, com a reformulação do currículo, o número de disciplinas do curso de composição subiu de três para sete, seguindo uma tendência mundial de inclusão da música eletrônica em universidades.

Em 1999, foram realizados os primeiros cursos de música eletrônica na UFRGS, utilizando instrumentos e equipamentos do estúdio particular do professor. Mas somente em janeiro de 2003 o Centro seria inaugurado, com recursos do MEC, CNPq e Fapergs. O CME estimula a composição musical assistida por computador, assim como atividades de ensino, pesquisa

e extensão. O órgão promove diversas atividades: realiza o programa *Música Eletrônica* na rádio da Universidade 1080 AM, sempre as segundas-feiras às 13h com reprise às 22h, palestras, apresentações de música eletrônica através da Orquestra de Alto-falantes da UFRGS e outras ações para incentivar a criação e divulgação das obras de alunos e professores.

Música eletrônica, ou eletroacústica, inclui todos os sons registrados por microfones e também aqueles produzidos eletronicamente. É a música que não pode existir sem os recursos da tecnologia eletrônica. Os sons naturais são processados por computador e os eletrônicos criados por sintetizadores. A música eletroacústica surgiu entre as décadas de 40 e 50 da fusão da música concreta (francesa) com a música eletrônica pura (alemã). O compositor comenta que “nas

apresentações de música eletrônica através da Orquestra de Alto-falantes da UFRGS, o ouvinte é imerso em um mundo tridimensional de sons. As composições eletrônicas não utilizam partitura porque as texturas e os eventos sonoros resultantes de processos de transformação no computador não podem ser representados graficamente da mesma forma que a música instrumental.” Exemplos de música eletrônica podem ser encontrados nas trilhas sonoras utilizadas pela indústria cinematográfica que, conforme o professor, constitui-se numa maneira de apresentar a obra incidental eletroacústica composta por talentosos jovens compositores.

Eloy diz que os cursos do CME são indicados para músicos e estudantes da área. “Quem frequen- ta nossos cursos necessita tocar um

instrumento e ter conhecimento musical para aproveitar as possibilidades oferecidas pela tecnologia. Muitos desses alunos irão trabalhar em estúdios ou serão compositores capazes de criar obras eletroacústicas mistas, com instrumentos acústicos e meios eletrônicos.”

Até o final do ano, ele irá lançar pela Editora da UFRGS um livro sobre os fundamentos da música eletroacústica com um DVD contendo obras eletrônicas para serem ouvidas no formato 5.1. O Centro de Música Eletrônica oferece cursos ao longo de todo o ano e os interessados podem participar de atividades individualizadas. Mais informações no site www.ufrgs.br/musicaeletronica ou através do telefone 3308-4329.

Vitrine dos periódicos

Em Pauta

Volume 17, nº. 29 – julho a dezembro de 2006

Revista semestral do Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS
Editora: Jusamara Souza
R\$ 15



A publicação reúne cinco artigos, dentre os quais destacamos “Educação musical e ONGs: dois

estudos de caso no contexto brasileiro”, resultante do trabalho de doutorado de Magali Oliveira Kleber para o Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS. A pesquisa faz um estudo de caso das práticas musicais nas organizações não governamentais Projeto Villalobinhos (Rio de Janeiro) e Associação Meninos do Morumbi (São Paulo). A autora procura compreender como estas ONGs se constituíram e se instituíram em espaços legitimados para o ensino e a aprendizagem musical e como se instaura o processo pedagógico-musical. Ambas as organizações têm como eixo comum a educação musical, congregando crianças e jovens atingidos pela desigualdade social e realizando um trabalho socioeducativo voltado para o exercício da cidadania.

In Texto

www.intexto.ufrgs.br
Edição 15, 2006/2
Revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Fabico
Editora: Karla Maria Müller



Esta nova edição da revista eletrônica traz 10 artigos, dentre os quais destacamos “Deu no blog jornalístico: é notícia?”, de Claudia Irene de Quadros e Liriam

Sponholz; e “A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: o caso MST e Jornal do Almoço”, de Fábio Souza da Cruz. O primeiro artigo parte de modelos de classificação já existentes e conceitos apresentados por diversos autores, para verificar a intenção de jornais digitais que mantêm blogs. O texto de Fábio Souza da Cruz analisa o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e a mídia do Rio Grande do Sul, mais especificamente o *Jornal do Almoço (JA)*, noticiário televisivo local que pertence à RBS TV. A fim de colher dados e posicionamentos sobre a forma pela qual o MST se vê no JA, foram feitas entrevistas com membros do Movimento. A pesquisa analisa as edições veiculadas pelo telejornal em abril de 2004.

UFRGS colabora com novo projeto do

Transporte

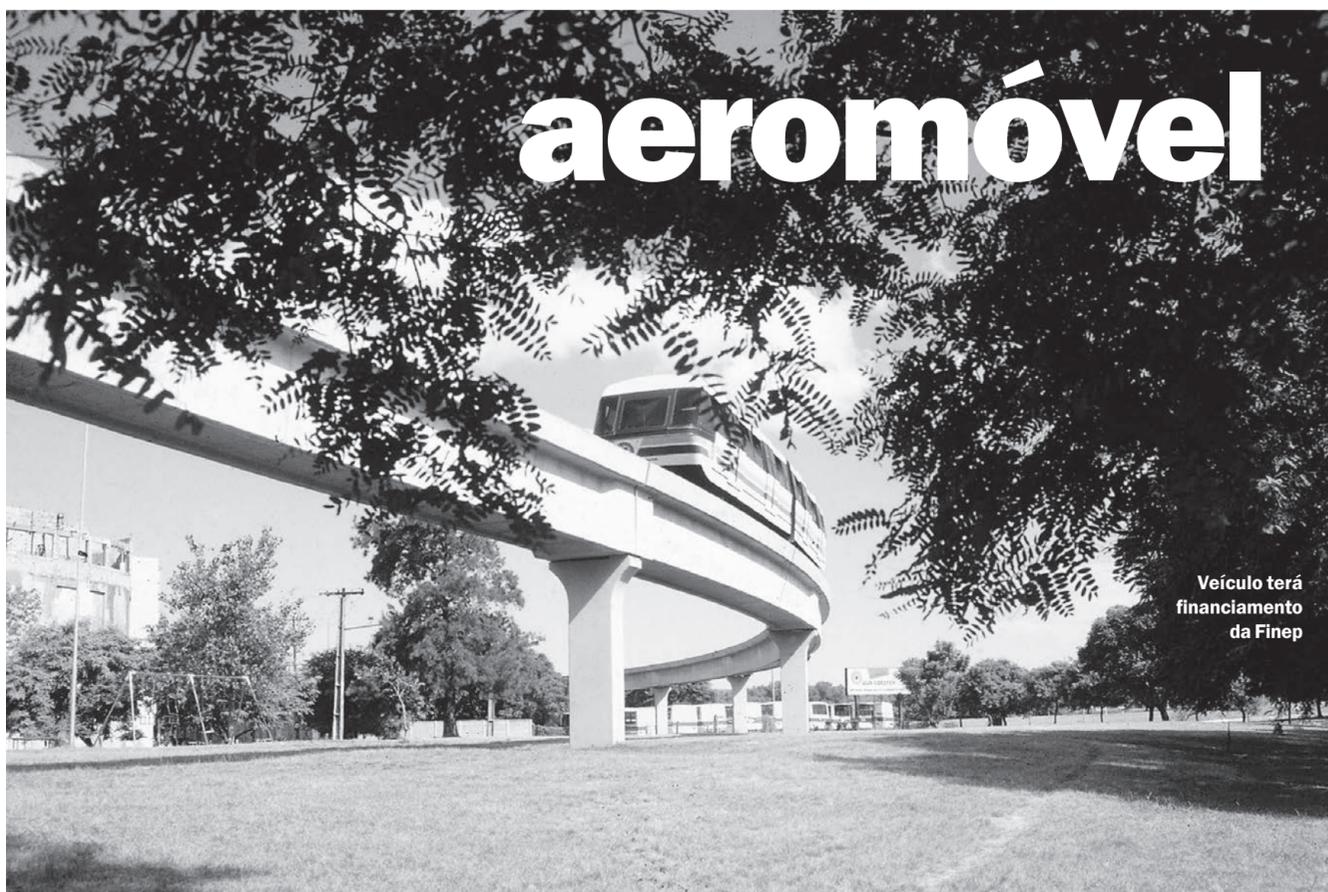
Diferente da versão de 1983, o veículo atual utilizará tecnologia limpa com menor custo

Jacira Cabral da Silveira

A UFRGS, através da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec) e da Escola de Engenharia, em parceria com a PUCRS e a empresa Aeromovel Brasil S.A., desenvolverá, em 2007, um protótipo do aeromóvel. O veículo deverá percorrer, dentro do campus da PUCRS, uma área de aproximadamente dois quilômetros, interligando o campus ao Hospital São Lucas e ao Centro Esportivo daquela universidade. A obra, cujo investimento total está orçado em R\$ 30 milhões, contará com financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), sendo que a primeira etapa tem duração de 12 meses, com custo parcial de R\$ 3,4 milhões.

O diretor da Escola de Engenharia, Alberto Tamagna, destaca três aspectos que comprovam a importância da participação da UFRGS no projeto: visibilidade do potencial de pesquisa, realização de um projeto viável e mais bolsas para os estudantes. "Receberemos R\$ 400 mil em bolsas," comemora o professor.

Tamagna, que representa a UFRGS no Comitê Gestor do Aeromóvel, juntamente com o secretário de desenvolvimento tecnológico da universidade, Ricardo Ayup, informa que estarão envolvidos no projeto cerca de 30 pesquisadores, além de bolsistas das áreas das engenharias de produção, elétrica, mecânica e civil.



Durante a coletiva com a imprensa para o pré-lançamento do projeto, realizada no dia 8 de março, o diretor-presidente da Aeromóvel Brasil S.A., Marcos Coester, comentou que a proposta visa à certificação do sistema e à instalação de uma linha operacional, promovendo a capacitação da cadeia produtiva nacional.

De acordo com a dirigente, a escolha do campus da PUCRS para a implantação do protótipo deve-se às características físicas da área, "permitindo reproduzir, em escala, uma metrópole típica e contemplando no traçado da linha quase todas as peculiaridades de uma densa malha urbana em escala real".

Tecnologia – O aeromóvel será desenvolvido a partir de um sistema de propulsão que utiliza ventiladores estacionários. Sem condutor presente, o usuário será

Laboratórios receberão novos equipamentos para a pesquisa

o "operador" do veículo, transmitindo ao sistema sua estação de destino, semelhante ao que ocorre quando, ao utilizarmos um ele-

vador, informamos o andar onde desejamos descer. O veículo poderá transportar cerca de 50 pessoas. Independente da velocidade, um dos aspectos positivos é o deslocamento sem obstáculos.

O projeto, intitulado *Conexão Inteligente*, integra o conceito internacional de *Automated People Movers (APM)*, que busca desenvolver novas alternativas de circulação acima do solo em trajetos pequenos para um grande número de usuários. Na expectativa dos coordenadores do aeromóvel, o futuro transporte deverá atingir a média de seis mil passageiros por hora a um custo de US\$ 5 milhões por quilômetro.

Para o professor e pesquisador Alberto Tamagna, hoje em dia a questão da mobilidade se constitui em uma das principais preocupações dos grandes centros urbanos, daí a relevância da UFRGS envolver-se com projetos neste setor. Ele diz que os laboratórios da Universidade receberão equipamentos novos para incrementar a pesquisa. Desta forma, avalia o professor, a sociedade como um todo participará dos benefícios resultantes do investimento da Finep, uma vez que estudantes e pesquisadores passarão a contar com maquinário de ponta, o que, certamente, irá qualificar ainda mais sua formação.

Fabico divulga pesquisa sobre Jornal da Universidade

Comunicação

Alunos de Relações Públicas identificam quem são e o que pensam os leitores

Ânia Chala

No segundo semestre de 2006, estudantes de Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) dedicaram-se a identificar qual o público leitor do Jornal da Universidade e quais suas preferências. A pesquisa, solicitada pela Secretaria de Comunicação da UFRGS (Secom), foi coordenada pela professora Marta Busnello, dentro da disciplina *Pesquisa em Relações Públicas*.

A realização do trabalho, segundo Marta, foi um complemento à primeira etapa da disciplina de *Pla-*

nejamento de Relações Públicas, na qual os estudantes haviam feito um levantamento prévio em que se identificou que o Jornal da Universidade não sabia qual o seu público.

Para Júnio Esteves de Souza Júnior, aluno do sexto semestre de Relações Públicas, a responsabilidade de desenvolver uma pesquisa que seria aproveitada pela universidade fez "pensar a camiseta". Ele explica que, para trabalhar melhor a amostra, a comunidade da UFRGS foi dividida em três grupos: estudantes de graduação, professores e técnicos. A partir daí, os alunos da Fabico saíram a campo para aplicar um questionário de pré-teste, verificando sua adequação. "Vimos que algumas perguntas precisavam ser reformuladas, a fim de que obtivéssemos as respostas que desejávamos. Refizemos as questões e reaplicamos o pré-teste que, desta vez, mostrou-se eficiente", disse o estudante.

Marta acredita que o processo de elaborar o questionário proporcionou um importante aprendiza-

do. "Os alunos achavam que pesquisar era algo simples e não compreendiam a importância do cuidado com a metodologia. A experiência de testar o questionário através de entrevistas diretas com os diferentes públicos fez com que eles discutissem em profundidade cada pergunta. Foram elaborados três modelos de questionário, um para cada grupo representativo, contendo perguntas de múltipla escolha e questões abertas."

Conforme a professora, a equipe optou por aplicar os questionários através de *e-mail* enviado pelo Centro de Processamento de Dados para todos os membros da UFRGS. "Tínhamos receio de não conseguir atingir a meta de 10% do universo pesquisado, isto é 2.706 pessoas, mas o retorno foi muito grande."

Resultados – Entre os alunos de graduação, o levantamento mostrou que a maior parte dos leitores está na faixa etária dos 21 aos 30 anos, sendo que o maior índice de participação foi dos estudantes dos

curso de Administração, Medicina, Ciências Sociais, Odontologia, Biblioteconomia, Letras e Comunicação. As seções do JU preferidas deste grupo são Cultura, Atualidade e Ciência.

No grupo dos professores, o maior número dos leitores que respondeu à pesquisa concentrou-se entre os que têm titulação de doutorado, com idade entre 41 e 60 anos. As seções de maior interesse dos docentes são: Ciência, Cultura, Atualidade e Opinião.

Os técnicos da UFRGS com grau de escolaridade superior tiveram mais participação, sendo que o mais alto índice de respostas foi dos servidores com atuação no Campus Centro, seguido pelos do Campus do Vale. A Escola de Administração e o Instituto de Informática alcançaram os maiores índices de respostas. As seções preferidas pelos técnicos são: Cultura, Atualidade e Ciência.

Os resultados indicam que a hipótese do público leitor ser predominantemente constituído pelo grupo dos professores não contem-

pla a realidade, uma vez que o grupo dos técnicos apresenta índices de leitura muito semelhantes. "O interessante é que muitas respostas traziam bilhetinhos parabenizando a universidade pela iniciativa da pesquisa. Isso indica que há uma necessidade do jornal se relacionar mais intensamente com os seus públicos", diz a professora Marta.

A pesquisa também comprovou a avaliação positiva da comunidade quanto ao conteúdo do Jornal da Universidade.

Finalmente, a hipótese de que os estudantes têm mais dificuldade de acesso ao JU e, por isso, não são leitores assíduos foi ratificada pelas respostas obtidas. Porém, a questão do pouco acesso ao jornal também foi referida pelos outros dois grupos pesquisados. Conforme o levantamento, a dificuldade de acesso é maior nos *campi* do Vale e da Saúde. Iniciativas, como a ampliação da tiragem e a disponibilização do JU na Internet, deverão permitir a superação desses problemas.

Entendendo a evolução urbana de Porto Alegre

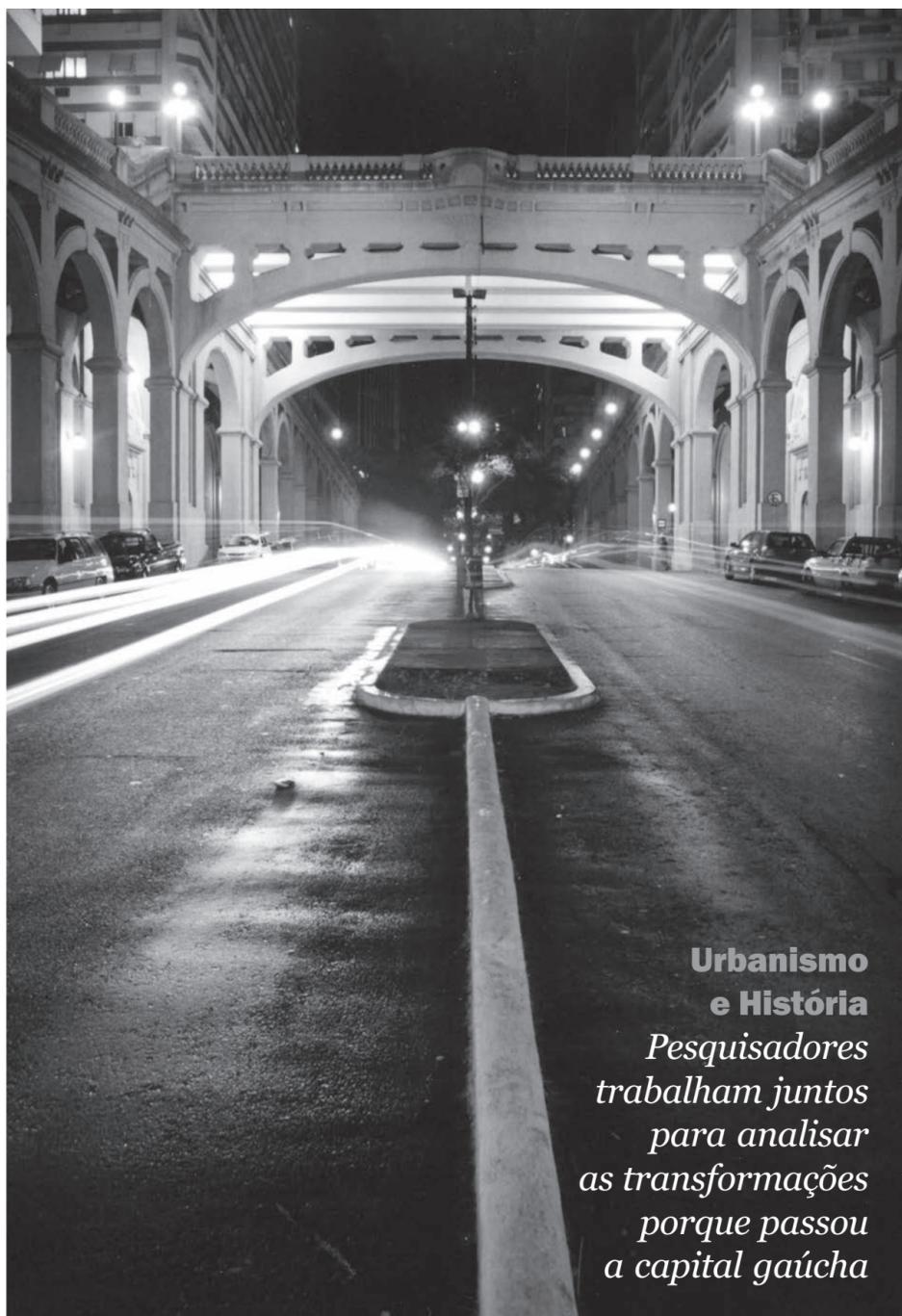
Ânia Chala

A professora do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (Propur) da UFRGS, Célia Ferraz de Souza, há anos dedica-se a pesquisar a evolução urbana de Porto Alegre e diz que, até bem pouco tempo, esse aspecto da história da capital gaúcha não merecia atenção por parte dos pesquisadores. Somente com a realização de encontros entre urbanistas e historiadores, e a criação de uma rede em nível nacional que congrega especialistas das universidades do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Recife, Brasília, Minas Gerais e Espírito Santo, houve o incremento de trabalhos na área.

Célia considera fundamental que os futuros arquitetos conheçam a história da cidade e entendam que o estado atual de Porto Alegre é resultado de um processo evolutivo que vem de longa data. “Quando começamos a analisar as transformações de uma cidade ao longo do tempo sua identidade se revela. É importante entender esta construção identitária no decorrer de sua história, pois esta identidade também se transforma e sempre está ligada ao passado. Nada é gratuito.” No curso de Arquitetura e Urbanismo, a pesquisadora ministra a disciplina de *Evolução urbana*, que tem sólida tradição (*leia quadro na página ao lado*) na universidade.

Para o também professor do Propur, João Faria Rovati, a evolução urbana pode ser tratada de muitas maneiras. “A expressão tem um emprego quase coloquial, quando as pessoas se referem à transformação da cidade, tanto dentro quanto fora da academia. Mas é evidente que a palavra evolução tem um viés relacionado com a teoria evolucionista de Charles Darwin. Há uma analogia da cidade com um organismo vivo, que nasce, cresce, se transforma e morre. Essa idéia de um sistema no qual tudo está absolutamente articulado, gerou um vocabulário de analogias orgânicas.”

João, que atualmente desenvolve a pesquisa *A evolução urbana como abordagem da cidade* com o apoio da Fapergs, ressalta que, historicamente, o termo evolução urbana é utilizado por especialistas para referir-se a estudos de uma determinada cidade com vistas à proposição de um plano de urbanismo. Porém, dentro da universidade, o termo está associado à pesquisa de todo o processo de transformação urbana. “Trata-se de um grande espaço discursivo, que tem a cidade como objeto de investigação, envolvendo aspectos como a morfologia da cidade, seu sistema viário, suas edificações e seus espa-



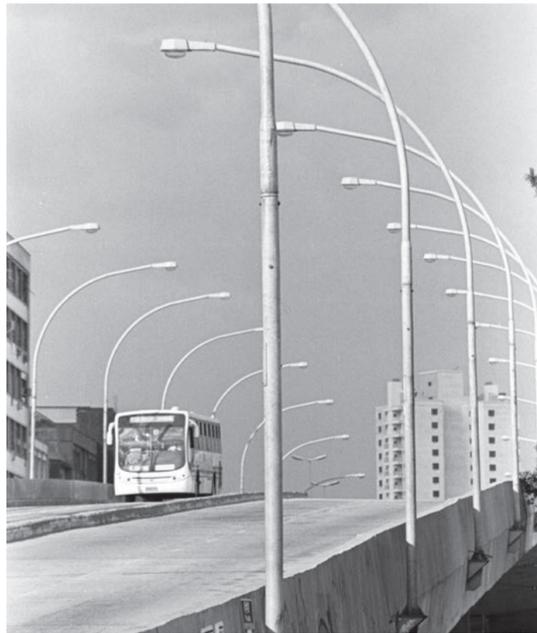
NEDIE LOSINA/PROJETO CONTATO

Urbanismo e História
Pesquisadores trabalham juntos para analisar as transformações porque passou a capital gaúcha

Os viadutos Otávio Rocha (acima) e Obirici (ao lado) são exemplos da mudança radical que aconteceu no plano arquitetônico da cidade

ços públicos. As fontes de informação são as mais variadas, desde a literatura até estatísticas, fotos e gravuras de época.”

A utilização de imagens, a análise de plantas, mapas, ilustrações e gravuras são fundamentais nessa área da pesquisa acadêmica, pois, conforme o professor, o estudo da evolução urbana já surgiu com esse caráter inovador, justamente por empregar uma iconografia como parte de seu próprio discurso sobre a cidade. “Em todos os trabalhos da área, se percebe o discurso de síntese, o uso de imagens, a abordagem da cidade no longo período, a tenta-



ALBERTO GONCALVES/PROJETO CONTATO

tiva de produzir hipóteses sobre os momentos de transformação dos grandes centros urbanos.”

As transformações da cidade – A noção de evolução urbana encontrou terreno fértil no Rio Grande do Sul: em 1938, Ubatuba de Faria, publicou um grande relatório com propostas para a cidade, intitulado *Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre*. O primeiro plano diretor da capital gaúcha é de 1959, mas foi precedido dos estudos de evolução urbana, realizados por Edvaldo Pereira Paiva em 1914.

Célia ressalta que viajantes que estiveram no estado na primeira metade do século XIX, como o francês Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), não acharam Porto Alegre uma cidade bonita. Mas, no início do século seguinte, ela se embelezou, tornando-se referência pelo ecletismo de suas edificações. “É curioso observar que, em 1870, São Paulo era menor do que Porto Alegre e muito menos importante. A capital paulista, fundada em 1554, cresceu como uma cidade pobre e caipira, apenas um entreposto comercial. Já Porto Alegre, na mesma época, era bonita e moderna, atraindo não apenas imigrantes, mas também técnicos, engenheiros e arquitetos que vieram implementar seus projetos.”

A construção de edificações como o Mercado Público, o Teatro São Pedro e a Escola de Engenharia, que daria origem à UFRGS, fizeram a cidade modificar-se, alcançando um novo *status* urbano. De acordo com a professora, os estudos de evolução urbana de Edvaldo Pereira Paiva deram origem ao primeiro esboço de um plano diretor de Porto Alegre. “Esse plano propôs enormes transformações, que norteariam o desenvolvimento da cidade. Ele trouxe idéias que, mais tarde, iriam adequar-se em termos de localização, como a abertura das avenidas Borges de Medeiros e Farrapos, das ruas Vasco da Gama e Otávio Rocha, e até mesmo a canalização do Arroio Dilúvio.” Célia diz que a proposta não foi fruto da imaginação de uma só pessoa, mas resultado do trabalho de uma comissão, que buscou em estudos anteriores alternativas para reformular a cidade. Uma das inovações foi a idéia de adequar a área do porto, com a realização de um aterro que abriu espaço para a criação de toda uma nova área portuária. “Até então, o porto era muito acanhado e não permitia o atracamento de navios maiores. E foi esse projeto, que exigiu um plano geral de melhoramentos e embelezamento para a cidade.”

Uma disciplina com 70 anos de história

Neste ano, a disciplina de *Evolução urbana*, oferecida aos alunos do quarto semestre de Arquitetura, completa 70 anos de existência, o que a torna a disciplina com maior continuidade dentro da faculdade.

Ela foi oferecida pela primeira vez em 1947, no Curso de Especialização em Urbanismo do antigo Instituto de Belas Artes. O curso era voltado para engenheiros e arquitetos diplomados, e teve como primeiro professor o engenheiro e urbanista Edvaldo Pereira Paiva, cujo nome hoje batiza a avenida Beira-rio. Edvaldo teve intensa atuação na área de urbanismo, trabalhando com vários outros profissionais do ramo. Seu companheiro mais constante foi Demétrio Ribeiro, que conheceu no Uruguai, quando estudaram com o célebre arquiteto Mauricio Cravotto que, por sua vez, havia sido aluno do francês Marcel Poète, na Sorbonne, considerado o pai do termo evolução urbana.

Para o professor da Faculdade de Arquitetura, João Faria Rovati, há nessa história uma linha direta de continuidade. “Edvaldo foi o primeiro professor, sendo sucedido por Demétrio Ribeiro que, mais tarde, passaria a tarefa à Dóris Maria Müller, professora que foi titular até que Célia Ferraz de Souza a sucedeu. Nesses 70 anos, esses foram os mestres desta disciplina, hoje ministrada em conjunto com o professor Gilberto Flores Cabral. Esses quatro nomes estabeleceram uma grande continuidade, pois um foi aluno ou colega do outro.”

João diz que, inicialmente, a disciplina tratava exclusivamente da cidade como fenômeno do urbano. Depois, começou a tratar também do urbanismo, isto é, da ação dos homens e seus planos. Porém, sempre com a idéia de apresentar aos estudantes uma visão panorâmica do que foi a cidade na Grécia, no Egito, em Roma, na Idade Média. “É uma periodização muito ligada à história da arte e que vai incorporando elementos da geografia urbana.”

Segundo o pesquisador, uma das coisas que encanta os estudantes é o fato da disciplina de evolução urbana descortinar muitos horizontes, provocando a imaginação. “Como é uma área muito vasta, há uma abordagem forte da geografia urbana, da história e da própria arquitetura, sua tipologia e morfologia”, diz João, para quem estuda o tema deixa uma marca no espírito dos estudantes e uma inquietação intelectual. “O legado da disciplina é proporcionar aos estudantes a compreensão das coisas numa outra dimensão de tempo. Eles aprendem que a cidade não surgiu ontem, nem vai aparecer amanhã.”

Trânsito é problema crítico

A maior parte dos planos diretores de Porto Alegre, conforme a professora Célia Ferraz de Souza, procurou dar conta das necessidades de expansão das vias urbanas para o deslocamento de um novo agente que tomou as ruas das cidades: os veículos automotores.

Hoje, Célia diz que o trânsito permanece um dos mais sérios dilemas enfrentados por urbanistas, engenheiros de tráfego e, claro, motoristas e pedestres. Em Porto Alegre, um motorista que se desloca da Zona Sul da cidade e queira entrar no Campus Centro da UFRGS é obrigado a seguir pela avenida Borges de Medeiros até a rua Jerônimo Coelho, subir até a Duque de Caixas e passar em frente à Santa Casa, para depois ingressar na rua Sarmento Leite. Esse motorista irá se encontrar com o pessoal que vem do Centro, com os que trafegam pela avenida Independência e com os que saem da rua Irmão José Otão. “Pensando bem, não tem lógica: venho da Zona Sul e atravesso uma Perimetral, que me joga no Centro da cidade para desembocar num grande ponto de estrangulamento? Até parece que a coisa foi estruturada para chegarmos nessa situação”, diz a urbanista.

Estudando a evolução urbana da capital é possível ver que o problema tem raízes no passado. “Vemos que a cidade cresceu numa ponta geográfica, congestionando o Centro. O curioso é que o problema não afeta toda a região: há uma parte que é sobrecarregada, justamente em função do desenvolvimento portuário e comercial. Assim, da rua Duque de Caxias para a margem norte, descendo em direção à avenida Mauá, sempre houve uma concentração muito maior do que da Duque para trás. Tanto que, quem circula pelo outro lado, em direção ao Centro Administrativo do Estado, sente como se estivesse numa cidade do interior.”

Na opinião da professora, o problema da circulação de automóveis no Centro de Porto Alegre precisa ser equacionado com

urgência, antes que o caos se instale definitivamente.

João Faria Rovati acha que, por trás das atuais abordagens sobre a evolução urbana, há um espírito profundamente humanista da cidade e da vida urbana. “Os urbanistas da época de Edvaldo Pereira Paiva acreditavam que a cidade lhes pertencia. Hoje, sabemos que ela é uma produção coletiva e não pode ser controlada por nenhuma força ou personagem. A cidade é uma expressão conflituosa, resultante de um sistema altamente complexo. Talvez a contribuição que a evolução urbana possa dar aos jovens estudantes é justamente a compreensão de que a cidade é um fenômeno complexo, com uma longa história. Os arquitetos podem dar a sua contribuição para que ela ofereça uma condição de vida melhor e mais prazerosa para todos.”

João acredita que estudar o que já aconteceu em outras cidades, ou aqui em Porto Alegre, vai ajudar os estudantes a ter um pouco mais de parcimônia, modéstia e sensibilidade para os problemas urbanos.

Para o professor, o Brasil, em termos urbanos, é um país que se americanizou ao adotar padrões da cultura norte-americana. “Até os anos 30, Porto Alegre foi uma extensão da cultura européia. Havia uma arquitetura eclética, que nas décadas seguintes passaria por grandes transformações.” Dois exemplos da mudança radical que aconteceu na cidade, do ponto de vista arquitetônico, são os viadutos Otávio Rocha, situado na avenida Borges de Medeiros, e o viaduto Dona Leopoldina, erguido na avenida João Pessoa. “O viaduto da Borges tem galerias, pequenas lojas, é bonito de se ver e também um lugar para olhar o horizonte. É um local para passeio, um viaduto de uma cidade onde se caminhava. Já o Dona Leopoldina é um lugar para tráfego de automóveis, no qual a parte de baixo não tem qualquer utilidade.” Nos anos 70, nós tivemos a construção de vários desses lugares, é o chamado período do concreto em Porto Alegre.

Transporte coletivo e travessia do Guaíba mudaram cidade

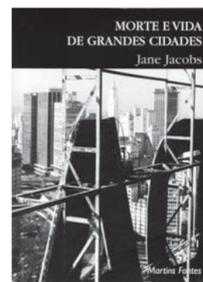
Depois de aposentar-se, na década de 80, o historiador Sérgio da Costa Franco passou três anos pesquisando as atas da Câmara Municipal de Porto Alegre. O resultado foi o livro *Porto Alegre – guia histórico*, lançado pela Editora da UFRGS em parceria com a Prefeitura Municipal e que, no final de 2006, ganhou nova edição. “No livro precisei estabelecer limites: o guia pára em 1924, no final do governo de José Montaury, quando foi realizada uma espécie de inventário da cidade até aquela data. Hoje, Porto Alegre tem cerca de 7.000 ruas e um guia histórico que inclui-se todas elas equivaleria a uma Enciclopédia Britânica.”

Em termos de evolução urbana, Sérgio entende que a cidade experimentou um crescimento comum a todas as metrópoles brasileiras, que cresceram após a formação de indústrias e a concentração operária. “Até 1890, Porto Alegre tinha por

volta de 50 mil habitantes. Em 1900, quando se instalaram as primeiras indústrias, a população chegou a 70 mil moradores e, alguns anos mais tarde, passou dos 100 mil.”

Nas décadas seguintes, ocorreu a migração em massa do interior para a capital, e surgiram as primeiras vilas na periferia. Para o historiador, a implantação do transporte coletivo foi fundamental para o nascimento de vários bairros da cidade. “A partir da instalação das linhas de bondes, Porto Alegre começou a desenvolver os arraiais do Menino Deus, de Navegantes e do Partenon, bairros que nasceram em função da existência de um sistema de transporte coletivo.”

Conforme o historiador, outro fato importante na história de Porto Alegre foi a construção da travessia do Guaíba. As pontes mudaram a feição econômica da cidade, tornando-a acessível aos caminhões que vinham do interior do estado.



Morte e vida de grandes cidades

(Ed. Martins Fontes, 2000, 510 págs.) de Jane Jacobs. Na opinião do professor João Faria Rovati este é um clássico muito citado, mas pouco lido, no campo da arquitetura e urbanismo que permanece impressionantemente atual, inclusive no caso brasileiro. Jornalista, autodidata, colaboradora e editora associada da revista *Architectural forum*, Jane Jacobs mantinha um distanciamento crítico que lhe permitiu produzir um dos mais poderosos ataques às práticas urbanísticas em voga nas grandes cidades americanas durante a década de 50. A principal solução proposta pela autora é a necessidade da diversidade urbana: funções que gerem a presença de pessoas em horários diferentes e em alta concentração, valorização de esquinas e percursos, construções variadas e de diferentes épocas.



Porto Alegre e sua evolução urbana

(Ed. da UFRGS, 2007, 2ª edição 445 págs.) de Célia Ferraz de Souza e Dóris Maria Müller. No livro, que será lançado em breve, as

autoras apresentam um estudo que propõe um método para analisar o desenvolvimento urbano, social, econômico, político e locacional, aplicado à cidade de Porto Alegre, por ocasião da elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano em 1977-1979. O trabalho foi realizado através de convênio entre a Universidade e a prefeitura da capital, procurando buscar, nos aspectos históricos, os fatores que induziram o crescimento e o desenvolvimento da cidade.



Porto Alegre – Guia histórico

(Ed. da UFRGS, 2006, 4ª edição 445 págs.) de Sérgio da Costa Franco. Em seus quase mil verbetes, a obra registra a evolução dos bairros, praças e ruas; os serviços públicos; os monumentos arquitetônicos; as instituições culturais e recreativas; os porto-alegrenses ilustres, e os recantos pitorescos de uma cidade que o autor, nascido em Jaguarão, adotou com fervor apaixonado. O resultado da junção de todas essas informações cria um painel fascinante, a ponto do livro poder ser lido como se fosse um romance.

Sérgio da Costa Franco

“A construção das pontes sobre o Guaíba modificou o sentido do comércio da capital: antes, os atacadistas tinham muita importância, mas, com o acesso por via rodoviária, eles praticamente desapareceram.”

“Nós não nos conhecemos”



Integração Este é um dos entraves para o sucesso do Mercosul, garante especialista em Relações Internacionais

Jacira Cabral da Silveira

A solidez da política externa de qualquer país depende de três pilares: a economia, a política e a cultura. Ao avaliar os resultados do Mercosul como bloco internacional para a defesa dos interesses de seus países membros – Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Venezuela e Bolívia – a professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UFRGS, Maria Susana Arrosa Soares, afirma que ao Mercosul falta o pilar da cultura, justamente aquele que promove a integração.

Se perguntarmos a um brasileiro ou a um venezuelano sobre as características da população dos países vizinhos, possivelmente a resposta será um desconfortável silêncio. Na avaliação de Susana, também diretora do Centro Brasileiro de Documentação e Estudos da Bacia do Prata (Cedep), isso ocorre porque a América Latina se desconhece totalmente. “Para a maioria dos países latino-americanos, no Brasil só existe carnaval e futebol e a população é de negros. Além disso, como se pode integrar nações que, até recentemente, estiveram de costas umas para as outras?”

A resposta a esta questão, segundo a pesquisadora, estaria no desenvolvimento de uma diplomacia cultural. Semelhante a que a França e outros países praticam há anos, mantendo, por exemplo, centros culturais em diferentes regiões, tornando conhecidos e admirados sua cultura, idioma e costumes. Isso possibilitaria a construção de uma imagem internacional de aproximação, através do conhecimento das características que definem um país como nação.

Para ela, falta ao Mercosul um Jean Monnet (1888-1979), grande ideólogo da União Européia, que propôs aos Estados que se deixassem representar por estruturas semelhantes às dos sistemas federalistas, no sentido das decisões políticas serem viáveis num contexto

comunitário. Susana lamenta que nunca tenha havido no bloco latino-americano intelectuais empenhados em construir alguma utopia como a do político francês.

Há anos, a professora trabalha com o tema da diplomacia cultural, uma das especialidades dentro da área diplomática que busca utilizar o capital cultural como forma de estreitar as relações entre os países. No Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, ela coordena o projeto *As indústrias culturais no Mercosul*, que classifica estes mecanismos como “potenciais veículos de reconhecimento e de comunicação entre os povos da região e instrumentos de desenvolvimento regional. As indústrias da cultura, da comunicação e do entretenimento, além de serem analisadas como setores econômicos estratégicos, são abordadas enquanto meios para o intercâmbio de bens e de serviços culturais que contribuam com a integração sub-regional”.

Críticas e elogios – Pesquisadora na área, Susana critica a falta de ações e de esforço conjunto dos países membros do Mercosul para se fazerem conhecidos por seus vizinhos e mesmo além continente. Ela diz que até mesmo no Ministério das Relações Exteriores do Brasil não há nenhuma iniciativa nessa direção. Quem acessar a página da Secretaria Administrativa do Mercosul (www.mercosur.int/msweb/), conforme a professora, não vai encontrar propostas no sentido de desenvolver uma diplomacia cultural.

Porém, fora do âmbito do poder dos governos, ela elogia o esforço conjunto de 15 universidades públicas do Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile através da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM). Desde sua criação, em 1991, a entidade tem como objetivo consolidar e fortalecer um espaço acadêmico regional comum, realizando atividades de cooperação científica, educativa, tecnológica e cultural. Hoje, com 16 anos de existência, a Associação já beneficiou uma população universitária de mais de 12 mil estudantes e cerca de 650 docentes.

“É um caso típico de diplomacia cultural”, assegura a especialista em relações internacionais, “pois um grande número dos jovens que participaram deste programa ocupam cargos importantes em seus países, e ainda lembram do tempo em que moraram no Brasil”. É justamente esta empatia com o país onde estudaram

e o rompimento de estereótipos com relação ao seu povo que Susana avalia como fatores importantes no estabelecimento de laços, condição favorável à colaboração mútua. “É um instrumento que cria raízes profundas entre pessoas e nações.”

Raízes como aquelas que o argentino Miguel Barrientos começou a criar com o país vizinho em suas viagens de férias: “Eu sou um enamorado do Brasil”, declara-se. Estudante de Ciências Políticas em Buenos Aires, desde março está em Porto Alegre para cursar Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, onde permanecerá até julho como bolsista do programa internacional Escala Estudantil da AUGM.

Se por um lado, Miguel já não compartilha com seus amigos a visão estereotipada do brasileiro como aquele cara que vive na beira da praia, por outro, ele pretende descobrir qual a visão do brasileiro com relação ao Mercosul, além de viver e conhecer um pouco mais os aspectos culturais e educacionais do bloco latino-americano: “Não quero ficar apenas nas questões econômicas e políticas”.

Assim como Miguel, outros cinco jovens latino-americanos estarão estudando na UFRGS neste semestre através da parceria AUGM. Entretanto, conforme a perspectiva cultural destacada por Susana, a repercussão deste intercâmbio não se restringe àqueles que são diretamente beneficiados com as bolsas. Ao conversar com a namorada pelo telefone, Miguel brinca: “Se você colocar o dedo no mapa do Brasil, o mais provável é que não caia em um lugar que tenha praia. O país é muito grande!”. E é mais ou menos este o tom dos bate-papos com os amigos argentinos na Internet. “Eles ficam admirados”, diz o estudante.

Mas cruzar a fronteira não foi tão fácil assim. Mesmo que com todo o aval de uma instituição com o selo Mercosul, o jovem passou por uma série de procedimentos burocráticos que esgotaram sua tolerância e quase o fizeram desistir do intercâmbio. “É preciso derrubar este pilar da burocracia. Tanto no Consulado do Brasil, quanto no Ministério das Relações Internacionais da Argentina foram pedidos muitos documentos. Um dia cheguei a dizer que não iria a Porto Alegre, porque era tudo muito difícil!” Ironicamente, no último carimbo da papelada do ministério argentino veio estampada a seguinte frase: acordo de simplificação de documento. “Não parecia uma brincadeira?”, comenta Miguel.

O carnaval boliviano, o tango argentino, o frevo brasileiro e o candombe uruguaio são manifestações da cultura popular que poderiam ser utilizadas na efetiva integração dos países que compõem o bloco do Mercosul.



A força da diplomacia presidencial

Se, por um lado, há carência de uma diplomacia cultural no Mercosul, por outro, a professora Maria Susana Arrosa Soares ressalta a preponderância do exercício de uma diplomacia presidencial. “Cada vez que muda o governo em um dos países membros, o Mercosul é afetado como um todo.” No caso do Brasil e da Argentina, ela diz que as decisões presidenciais têm maior peso nos rumos que vão tomando as negociações dentro do bloco.

Em contrapartida, países como Paraguai e Uruguai – que dependem do que exportam para o Brasil e a Argentina – vêem diminuída sua autonomia na tomada de decisões o que os empurra para um discurso pró norte-americano, em busca do apoio que não receberam nos países vizinhos. “Não é em nome de uma solidariedade utópica latino-americana que as pessoas vão ficar em compasso de espera, elas querem emprego, querem melhorar de vida.”

Tanto a política nacional quanto a internacional é feita através de um jogo de pressões, em que os interlocutores levam uns aos outros a uma tomada de posição. No caso do Paraguai e do Uruguai, a especialista afirma que, desde 1991, eles não recebem a atenção dos países membros mais fortes do Mercosul, “eles querem políticas que possam beneficiá-los, a exemplo do que ocorreu na União Européia com relação à

Grécia, Portugal e Espanha, quando estes países estavam empobrecidos”.

Mesmo reconhecendo que é recente a história do bloco latino-americano, comparada à experiência e maturidade da União Européia, Susana não acredita no avanço do Mercosul além de uma área de livre comércio: “Falta coração, falta alma. Não há um sonho de construção de projeto comum”. Por ser exclusivamente uma organização com fins comerciais, a professora enfatiza que, no lugar de um estreitamento de relações entre nações, o que ocorre no Mercosul é uma aproximação entre empresas, e que estas, na sua maioria, são multinacionais.

“Do ponto de vista comercial, o Mercosul é um sucesso para algumas empresas, mas a que preço?” A pesquisadora diz que os empresários do setor calçadista na Argentina odeiam o Brasil porque o produto brasileiro terminou com o mercado argentino. “Ao massificar a mercadoria para se defender da China, o Brasil barateou tanto seu sapato que acabou brigando com os preços da indústria argentina, historicamente reconhecida como sofisticada.” Por isto, mesmo defendendo a diplomacia cultural como forma de aproximação internacional, Susana reconhece que “não há como trabalhar aspectos culturais isolados das questões econômicas e políticas”.



Petróleo requer substituto não poluente

Energia

Preservação ambiental é a maior preocupação de pesquisadores na busca de alternativas limpas para motores de veículos

Jacira Cabral da Silveira

O petróleo é responsável por 80% da produção mundial de energia. Num lento processo, formou-se o produto que impulsionaria o motor dos tempos futuros. Mas, se foram necessários séculos para a produção natural deste ouro negro, centenas de anos bastaram para seu quase esgotamento.

De acordo com o geólogo Colin Campbell, um dos mais conceituados peritos internacionais, em 2050, a produção mundial de petróleo será um terço da atual e, na próxima década de 20, haverá um descomunal choque petrolífero, a partir do qual a oferta mundial do combustível cairá mais de 20% em relação a 2010.

O impacto econômico deste esgotamento no setor petrolífero foi acompanhado, ao longo das últimas décadas, da instalação gradativa de outro dilema contemporâneo: o aquecimento global, resultante da emissão de gás carbônico (CO₂), pelo qual a queima de combustíveis fósseis é a grande responsável.

Alternativas – Preocupados com as questões da redução da oferta de petróleo e do aquecimento global, e considerando a permanente demanda de energia, o Grupo de Catalise do Instituto de Química da UFRGS, coordenado pelo profes-



divulgação

or Roberto Fernando de Souza, há anos desenvolve pesquisas com energias alternativas. “O petróleo precisa de um substituto que não produza CO₂”, enfatiza o coordenador. Neste sentido, o Grupo tem contribuído no desenvolvimento de estudos para o aperfeiçoamento da substituição dos motores à combustão, que empregam combustíveis fósseis, por motores com células combustíveis, que usam o gás hidrogênio.

A partir de seu doutorado em Química na Faculdade Paul Sabatier, na França, e do pós-doutorado no Instituto Francês do Petróleo, quando estudou com o Prêmio Nobel de Química Yves Chauvin, o professor trouxe para o Brasil o estudo sobre a aplicação de líquidos iônicos (materiais orgânicos polares e ótimos condutores de energia, geralmente usados como catalisadores ou solventes). Entre as diferentes aplicações, os pesquisadores da UFRGS empregaram os líquidos iônicos como eletrólitos nas células a combustível, resultando no maior desempenho do sistema e no aumento da vida útil dessas células.

Conforme Roberto de Souza, recentemente eleito para a Academia Brasileira de Ciências, a célula a combustível não é novidade. Há aproximadamente 12 anos, diferentes fábricas de automóveis têm carros a hidrogênio, circulando nos grandes centros internacionais. No Brasil, o exemplo é a cidade de São Paulo, que em breve terá uma frota de ônibus equipada com motor a hidrogênio. “Lá o problema da poluição é fantástico e foi o que motivou as autoridades a buscarem alternativas”, justifica o professor.

Decisão política – Além do permanente esforço para manter o Grupo de Catalise no cenário internacional, através da publicação de artigos, Roberto de Souza comenta a existência de outro desafio: a efetiva inserção de suas pesquisas na sociedade. A estrutura enxuta e a falta, tanto de recursos quanto de parcerias, são empecilhos que dificultam a continuidade dos trabalhos.

Nos EUA e Europa, já existem protótipos de automóveis movidos a hidrogênio

Entre as instituições que já colaboraram com o Instituto de Química neste setor está a Companhia Estadual de Energia Elétri-

ca (CEEE), sendo que, atualmente, há trabalhos realizados com a colaboração da Petrobras. Mas nada comparado aos volumosos investimentos em institutos estrangeiros de grande porte, garante o pesquisador. Na sua avaliação, mesmo que a realidade brasileira comporte outra dinâmica de pesquisa e investimento, apoios deste tipo não podem deixar de ocorrer.

Para o professor, os laboratórios nacionais devem se ocupar com tópicos específicos, concentrando esforços. Por isso, critica o sistema de financiamento brasileiro que não gosta de aplicar desta forma, “eles preferem dar um pouquinho de recursos para cada iniciativa dentro de um mesmo laboratório”. Este modelo, entretanto, não privilegia os centros de excelência que, no entender do doutor em Química, são a única forma de alcançar competitividade internacional.

Outra crítica de Roberto refere-se à falta de decisão política nas questões que envolvem a preservação do meio ambiente, e que têm reflexo nos centros de pesquisa. Segundo o professor, na avaliação dos órgãos oficiais, alternativas como o motor a hidrogênio são onerosas. Só que esta visão não considera os custos com a limpeza da atmosfera em função da poluição gerada pelos motores tradicionais: “Imagine quanto será preciso gastar para limpar o ambiente no qual eliminamos o CO₂?! Quanto vai custar reduzir o aquecimento global.”

“Falta decisão política”, acusa o pesquisador, pois enquanto avançam as decisões técnicas, não existem decisões políticas. No caso de São Paulo, a própria condição de sobrevivência forçou a sociedade a este avanço. Roberto se questiona se outras cidades brasileiras precisarão chegar ao grau de poluição de São Paulo, onde há dias em que é impossível conviver com as altas taxas de emissão de CO₂, para que governo e políticos tomem medidas mais efetivas no sentido de reverter tamanho problema ecológico, “principalmente se já existe a solução técnica para isto”, completa o professor.

Dica de leitura

A essência do esgotamento do petróleo e do gás, Colin Campbell (*The Essence of Oil & Gas Depletion*, editado pela Multi-Science Publishing Co. Ltd).

da UFRGS, Roberto Fernando de Souza (foto), esse descomprometimento acarretou severas críticas aos especialistas da área.

Num caminho inverso, os grupos de pesquisa avançada em química nacional e estrangeira desenvolvem atualmente trabalhos no sentido de reverter ou evitar o agravamento de questões ambientais, como o aquecimento global. “O carro do futuro vai andar, invariavelmente, com célula de combustível, e a universidade participa desta iniciativa através

das pesquisas com líquidos iônicos do Grupo de Catalise.”

Mas esta preocupação começa antes dos estudantes aderirem às pesquisas. Conforme Roberto, assim que os calouros de Química chegam ao curso, já lhes é repassado o compromisso de desenvolver processos limpos. “Temos que substituir cada processo industrial por um outro, que produza as coisas que o homem precisa e das quais não vai abrir mão, mas, necessariamente, de forma a não prejudicar o meio ambiente.”



Célula gerará energia para motores elétricos alimentados com hidrogênio e oxigênio

FLAVIO DUTRA

Processo e infra-estrutura

As células a combustível geradoras de energia para motores elétricos são alimentadas com hidrogênio e oxigênio, que reagem entre si e, ao se combinarem, geram água. Deste processo, sobra a eletricidade usada no carro para fazer girar o motor. Este procedimento é totalmente limpo, diferente dos propalados combustíveis alternativos como o biodiesel, que dependem da combustão para gerar energia e, portanto, se constituem em processos poluentes. “Com a indústria do hidrogênio estaremos dando conta de 20 a 30% do total da poluição, porque esta é a parte correspondente ao CO₂ proveniente de carros e caminhões, o restante cabe à indústria”, esclarece o pesquisador.

Para a implantação deste sistema, entretanto, será necessário um novo setor gerador de hidrogênio, que pressupõe um consumo anterior de energia para produzir o hidrogênio a ser utilizado nos carros. De acordo com Roberto, esta geração se dará a partir do conjunto das fontes de energia disponíveis: solar, eólica e hidrelétrica, entre outras. No caso nacional, ele destaca a vantagem do Brasil possuir uma grande quantidade de hidrelétricas com excedente em potencial, representando

importante fonte geradora de hidrogênio.

Mas o professor adverte sobre a forma desta geração: “Hoje, no Brasil e no mundo, o hidrogênio é produzido através de reforma, processo tão poluente quanto os demais, pois, ao ser gerado a partir da queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão etc.), produz CO₂”. Para o pesquisador, as alegações de que este é um processo mais barato não servem. “Não me adianta um combustível barato, o que precisamos é garantir a sobrevivência do ser humano”.

Outra questão polêmica é a criação da extensa rede de apoio ao novo sistema a hidrogênio. Hoje em dia, o setor petrolífero de refino de petróleo é amplamente difundido e dá conta de toda a distribuição de combustíveis fósseis. “Com a transferência para o motor a hidrogênio será necessária uma grande alteração nesta infra-estrutura que dá suporte ao sistema tradicional de abastecimento.” Mesmo com a dificuldade iminente, Roberto de Souza comenta que até países mais resistentes aos apelos de políticas internacionais de preservação ambiental, como os Estados Unidos, agora estão buscando alternativas menos poluentes devido à gravidade do problema.

A contribuição inovadora dos pesquisadores da UFRGS é a substituição da soda cáustica – tradicional catalisador empregado nas células combustíveis – pelos líquidos iônicos. Segundo uma das orientandas de doutorado do professor Roberto, Janine Padilha Botton, a soda cáustica é uma solução que apresenta problemas, pois necessita de um combustível (hidrogênio) extremamente puro, sem monóxido de carbono (CO) nem dióxido de carbono (CO₂), que causam a carbonatação do eletrólito, ou seja, sua solidificação. Além disso, a soda precisa estar numa temperatura de 80 °C.



FLAVIO DUTRA

Mea culpa

Se no passado a química industrial procurava o máximo de eficiência, essa condição resultou em sacrifícios. Ao longo de décadas, foram criados produtos eficientes a baixo custo, mas sem qualquer preocupação preventiva com as consequências que tais processos químicos provocariam no meio ambiente. Para o professor e coordenador do Grupo de Catalise do Instituto de Química



Trabalho e tecnologia para o terceiro milênio

Sociologia

Pioneiro no mercado editorial brasileiro, dicionário editado por professores da UFRGS traz conceitos para uso multidisciplinar

Marcelo Spalding*

O tempo das roupas cinzas e carros voadores chegou sem, pelo menos até agora, as roupas cinzas e os carros voadores, mas não se pode negar que a virada do milênio tem sido marcada por constantes mudanças tecnológicas que encantam os consumistas, chamam a atenção dos empresários e preocupam os trabalhadores. Já em 1936 o mais encantador dos operários, Carlitos, sofria com a evolução das máquinas e, impossibilitado de compreendê-las, era engolido pelas suas engrenagens numa metáfora reveladora para toda uma geração que, anos depois, veria seus postos de trabalho sumirem – ou minguiarem – com a chegada de novas tecnologias.

Desde então, o debate sobre a relação entre trabalho e tecnologia ganhou as ruas. Não que esta relação seja recente, pelo contrário, desde a invenção da roda a tecnologia tem sido usada pelo fazer humano, como explica o professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS Antonio David Cattani: “numa escala de séculos, a tecnologia vinha sendo incorporada pelo trabalho de forma lenta e gradual, até que nesses últimos cem, duzentos anos a transformação se dá de forma muito acelerada, influenciando inclusive nas relações de produção”.

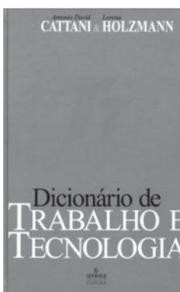
Foi para ajudar na compreensão deste fenômeno social que Antonio Cattani e Lorena Holzmann, ambos professores do Departamento de Sociologia, organizaram o *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*, lançado pela Editora da UFRGS no final do ano passado. O dicionário traz uma grande quantidade de verbetes que vão de “desemprego” a “nanotecnologia”, passando por termos como “*just-in-case*” e “volvoísmo” ou temas polêmicos como “biotecnologia” e “precarização do trabalho”. Muito diferente de um dicionário tradicional, cada verbete é assinado e seu texto pode se estender a duas ou três páginas com a apresentação sintética do conceito, seu histórico, evolução e aplicação na atualidade. Ao final de cada verbete ainda são indicadas referências e bibliografia. “Devido à ampla gama de tópicos/verbetes que



Ex-proprietário de uma banca de hortifrutigranjeiros, Manoel de Lima, vende alimentos na praça da Alfândega

Precarização

“O termo tem sido empregado [...] em referência a uma diversidade de situações laborais atípicas que se tornaram expressivas nos anos 1990, como consequência da reestruturação produtiva sob a égide neoliberal. Essas formas de inserção ocupacional apresentam a característica de não serem regidas por contrato de trabalho assalariado típico, e as condições de trabalho nelas encontradas tendem a um padrão inferior frente à condição assalariada...”



Trecho do verbete “Precarização do Trabalho”, de Irene Galeazzi, extraído do *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*

apresenta, se trata de um dicionário que se coloca como obra básica de referência e orientação para a continuidade da abordagem dos temas pretendidos pelo leitor”, afirma a professora Lorena.

Publicação traz análise crítica – A obra, na verdade, nasceu antes de 1997, quando os professores lançaram a primeira edição do *Dicionário Crítico de Trabalho e Tecnologia*. De formato inédito no mercado editorial brasileiro, esgotou-se rapidamente. Cattani lembra que a primeira edição daquele dicionário surgiu porque “a década de 90 foi marcada por transformações substantivas no mundo do trabalho, surgiram uma série de novos procedimentos, novos enfoques teóricos, novas práticas do trabalho, estratégias empresariais etc, e havia necessidade de conseguir acompanhar essas transformações tendo entendimento específico sobre o que estava acontecendo”. Como, segundo o professor, o novo século também caracterizou-se pela aceleração dos processos de transformação, trazendo realidades e dados conceituais diferentes, aquele dicionário já tinha esgotado a sua abordagem e era necessário produzir outra publicação.

A opção por uma nova obra, e não pela reedição da anterior, permitiu acrescentar novos verbetes

e reformular outros tantos a partir de uma criteriosa escolha dos pesquisadores. Com preponderância de professores da Sociologia da UFRGS, o dicionário traz também textos de professores de outras universidades, como PUCRS, UFSC, UFPR e UnB, e de outras especialidades, como Serviço Social, Administração e Psicologia. “Os autores buscaram uma revisão bibliográfica sintonizada com o que há de mais avançado na esfera internacional e sempre fazendo uma análise crítica.”

Esta análise crítica, aliás, é fundamental para dar consistência à obra. Como faz questão de lembrar o professor, “hoje o mundo do trabalho não é um mundo apaziguado, um mundo tranquilo, é um mundo no qual as relações de exploração estão sendo intensificadas. A precarização do trabalho é uma realidade que atinge a maior parte dos trabalhadores, e precisamos dar conta disso”.

A tecnologia, ao invés de melhorar as condições de trabalho, acaba concentrando o capital e enfraquecendo as forças sociais – especialmente em países periféricos –, um paradoxo difícil de compreender e que só reforça a importância de instrumentos de análise produzidos dentro do contexto nacional, como é o caso do dicionário.

* Jornalista formado pela Fabico e mestrando em Literatura Brasileira

Resenhas

Por Caroline da Silva

Passado x presente

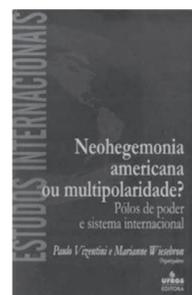
Estudar os processos de subjetivação, referindo-se a um grupo específico de trabalhadores e a um contexto delimitado, é o propósito levantado por este livro, que se equilibra sobre quatro pilares. O primeiro é entender subjetivação como processo e o trabalho como dispositivo. Em seguida, o trabalho é encarado como categoria construída e fator de coesão social. Em terceiro, considera-se a genealogia do indivíduo moderno e o surgimento da propriedade social. Por fim, aborda-se a moral e a ética do trabalho. As relações entre ética, trabalho e subjetividade passam por uma transformação que acaba por ligar dois mundos: trabalhadores entre 20 e 25 anos, que ingressam no mercado, e os clássicos operários da década de 80, hoje com 50 anos ou mais. O cenário é o município metropolitano de Canoas, escolhido por representar, de forma exemplar, as mudanças quanto ao trabalho: “Desde o final dos anos 90, [a cidade] vive um processo de reestruturação importante da indústria metalúrgica com ganhos de produtividade associados à diminuição da força de trabalho empregada no setor”. A publicação reativa a centralidade do trabalho na busca de rumos para a sociedade, tendo entrevistas como metodologia e apoio teórico de Castel e Foucault - discorrendo sobre a importância da propriedade privada e da reflexão ética.



ÉTICA, TRABALHO E SUBJETIVIDADE: TRAJETÓRIAS DE VIDA NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO
Ed. UFRGS, 2006, 222 págs., R\$ 25*, de Henrique Caetano Nardi

Vários pesos e uma balança

No dia 20 de março de 2003, os EUA invadiram o Iraque sem o respaldo do Conselho de Segurança da ONU, nem mesmo da OTAN. Nessa mesma data realizava-se em Haia o simpósio *Hegemonia Americana ou multipolaridade: sistemas internacionais no século XXI*, do qual participaram alguns dos autores desta publicação, especialistas com atuação destacada em diversos países. O cientista social Immanuel Wallerstein chama a atenção para um determinado



NEOHEGEMONIA AMERICANA OU MULTIPOLARIDADE? PÓLOS DE PODER E SISTEMA INTERNACIONAL
Ed. UFRGS, 2006, 239 págs., R\$ 25*, organizado por Paulo V. Zentini e Marianne Wiesebron

discurso em seu artigo, que trata da “Doutrina Bush”, transcrevendo as palavras do senador Robert Byrd quando da não localização de armas de destruição em massa no Iraque: “A intimidação calculada [...] empreendida pelo ‘poder vigente em nosso país’ manterá a leal oposição em silêncio por algum tempo. Pois, eventualmente, como sempre, a verdade emergirá. E quando o fizer, o castelo de cartas, erguido em desonestidade, cairá”.

* Preços nas Livrarias da UFRGS. Acesso: www.livraria.ufrgs.br.

“No fundo, todos somos plagiadores”

Comunicação

Antonio Miranda, pesquisador da UnB, diz que é possível construir conhecimento copiando e colando

Fernando Favaretto*

“Plagiar é obra do medíocre, roubar é do gênio”. Fazendo uso das palavras de Antônio Carlos Jobim sobre plágio, o professor Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), lança uma provocação acerca de uma problemática que cada vez mais tem sido percebida nos espaços acadêmicos: a cópia total ou parcial de textos sem a devida referência ao seu autor original, acentuada pelas facilidades de acesso e manipulação de conteúdos em ambientes virtuais.

O professor maranhense esteve na UFRGS em março, para realizar a aula inaugural da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Bibliotecário, doutor em Comunicação, poeta e apaixonado pela Internet, Miranda mantém o site www.antoniomiranda.com.br, no qual é possível conhecer o universo do artista e educador.

Com a ampliação do acesso à Internet percebida nos últimos tempos, as pessoas entram em contato com um número absolutamente imensurável de idéias, dados e informações cujas fontes muitas vezes são desconhecidas, cuja permanência é limitada e cujas aplicações pelos internautas são inimagináveis. E é justamente por esse caráter múltiplo, dinâmico e incontornável da *web* que Miranda a admira e nela aposta como ferramenta de construção de conhecimentos, mesmo que esses conhecimentos sejam cópias de outros.

Como assim, então o processo de copiar e colar não é algo tão condenável? A questão, segundo o pesquisador, é que não há como comprovar a originalidade absoluta de uma idéia, de uma frase, de um pensamento, uma vez que to-

dos somos constituídos pela soma de nossas leituras, de nossos olhares, de nossos contatos com os saberes que pela humanidade circulam desde tempos imemoriais e que, desde sempre, se alteram, se mesclam, se afastam ou se complementam. Aliás, nada garante que a citação atribuída a Tom Jobim tenha sido por ele pronunciada antes de qualquer outra pessoa, mas é como se fosse dele que Miranda a conheceu e é com respeito a essa autoria que ele a credita ao maestro.

Quer dizer então que o professor defende o plágio? Na verdade, o que ele condena é o plágio literal, a cópia de uma idéia feita sem qualquer contribuição pessoal que a modifique, que a transforme. “As idéias são livres, as pessoas podem recorrer a elas quantas vezes quiserem. A maneira como se diz é que constitui o plágio, não a idéia propriamente dita. Se você for em busca da originalidade das idéias, vai encontrar autorias ao longo dos séculos”. Miranda diz

que a famosa constatação “penso, logo existo”, cuja autoria é historicamente creditada a Descartes, pode ser atribuída também a Parmênides, que o precedeu em mais de dois mil anos, o que demonstra o quanto a humanidade reafirma os conhecimentos, recriando-os através de diferentes formas. Nesse sentido, o professor acredita que seja impossível fugir de algum tipo de reprodução: “A idéia do plágio em si não é ruim. A pessoa se apropriar do conhecimento alheio como base para criar é um processo, e é natural que seja dessa maneira. Sempre há uma referência a registros anteriores, o processo criativo é uma recriação constante. Além do mais, se buscarmos a coisa absolutamente nova vamos encontrar muito pouco. O original num texto sempre é um percentual muito pequeno”.

Então quer dizer que se pode aceitar o plágio, simplesmente? De acordo com Miranda a idéia de um plágio literal, de uma cópia feita sem

qualquer aperfeiçoamento é inconcebível “O plágio é um recurso até compreensível. Todos nós, no fundo, somos plagiadores. Só que uns plagam recriando, com um olhar novo, com uma nova forma de interpretação do objeto, e outros simplesmente copiam. A esses é que cabe a punição pelo plágio”.

Muitas das práticas associadas ao plágio estão relacionadas ao caráter coletivo da autoria, o qual tem se manifestado de maneira mais evidente através das produções virtuais, uma vez que as ferramentas e os espaços da Internet permitem a qualquer pessoa o registro e a divulgação de suas obras, configurando uma democratização produtiva jamais vista. No entanto, Miranda não acredita que em função da *web* a autoria tenha se modificado de forma tão significativa. “A autoria sempre foi, em essência, coletiva, porque ninguém cria nada no vácuo. Toda vez que você se refere a um objeto, se refere a um conhecimento acu-

Credibilidade: o desafio da autoria digital

mulado sobre esse objeto, do qual você participa mais profunda ou mais superficialmente na medida da sua capacidade de recuperar o conhecimento.”

E o que estaria mudando na autoria como consequência da virtualidade? Para o professor, apenas a dinâmica do processo de comunicação tem sofrido alterações. O processo é praticamente o mesmo, calcado num discurso, numa assimilação e numa reformulação que se intercalam de forma extremamente rápida e em direções incontornáveis, o que torna a informação cada vez mais precíval, uma vez que no momento em que ela é editada já pode ser reformulada. Também em função disso, o retorno do que se está produzindo é imediato, tanto quanto o contato com o público, já que o autor pode falar diretamente com ele, principalmente por ser o próprio editor do seu processo criativo, o que, para Miranda, é uma revolução extraordinária.

de legitimação, que é mais espontâneo, mais natural. As pessoas que utilizam a Internet querem a mesma confiabilidade que buscam em outras fontes. O que valia para o mundo impresso, acaba sendo válido para o mundo virtual”.

Para Miranda, esse processo de legitimação se dará tendo à frente a sociedade organizada, principalmente através de grupos de representação, em função de cujos questionamentos e exigências a qualidade dos conhecimentos e produtos virtuais poderá ser alcançada: “Por que hoje a gente fala tanto de grupo? Porque grupo é uma entidade, uma instituição. Então se você está em um grupo de discussão, a primeira pergunta que vem ao

freqüentador daquela página é quem são as pessoas que estão ali, se aquilo tem credibilidade, se merece respeito”. E na opinião do professor, é esse respeito, tanto pelo usuário quanto pelo conteúdo ao qual ele tem acesso que pode garantir a evolução da autoria digital. “Provavelmente os visitantes de páginas do futuro vão procurar algum sinal que distinga o tipo de fonte na qual se baseia aquela comunicação.”

Tão natural quanto a busca pela veracidade das fontes pelos usuários do futuro, será a preocupação com a memória da humanidade diante dos registros virtuais que tanto podem mantê-la quanto deixá-la desaparecer, assunto que preocupa o pesquisador. “Como ficará essa massa

documental fantástica que ingressa o tempo todo na Internet se muitas das coisas que entram desaparecem com o tempo e ficam sem registro? É provável que a guarda desse material acabe sendo uma preocupação de governos e de instituições, da mesma maneira que nós preservamos os meios escritos, impressos. O problema é que esses meios de registro, por causa das mudanças de tecnologia, precisam ser reciclados permanentemente.”

Miranda acredita que as novas tecnologias exigem a constante migração dos conteúdos para novos formatos de registro. Em função dessas mudanças, o conceito de direitos autorais, por exemplo, tem encabeçado um dos mais complexos

debates nos meios acadêmicos e editoriais. Para o professor, as pessoas podem se apropriar livremente das produções alheias, citando as fontes ou não, o que faz parte do processo produtivo coletivo: “Provavelmente a lei venha a criar novas formas de reconhecimento de autoria, mas isso não está muito bem definido. Vamos ter um tremendo trabalho pela frente, porque a Internet é um espaço de menos competitividade e de mais solidariedade. É uma questão de cultura, de sentir que aquilo que está na Internet pode e deve ser usado livremente por todos”.

* Jornalista formado pela Fabico e mestrando em Educação pela UFRGS



CABINHO ANDRADE

► Destaque

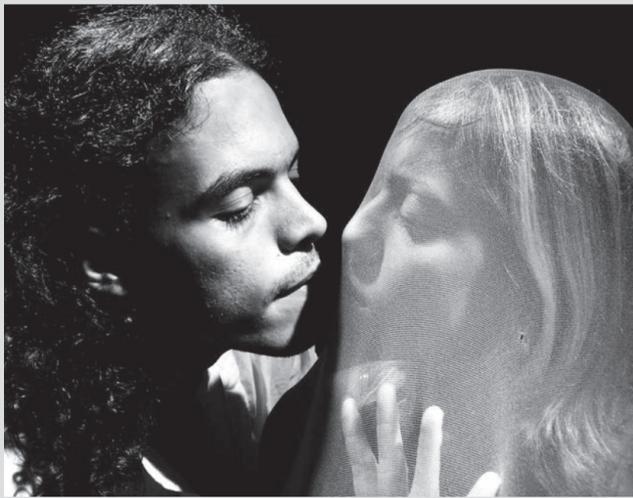
Luzes
sobre o
palco

Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão estréia em abril com a peça Ânsia

Retorna neste mês o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão do Departamento de Arte Dramática (DAD) da UFRGS, mostra de espetáculos teatrais universitários que realiza apresentações com entrada franca às quartas-feiras, nos horários das 12h30min e 19h30min, nas salas de teatro Alziro Azevedo e Qorpo Santo.

A idéia é proporcionar à comunidade acadêmica e ao público em geral o acesso ao teatro, em horários alternativos e de forma gratuita, abrindo um espaço permanente para produções de alunos dos cursos universitários de Arte Dramática do país.

O projeto, lançado em 2003, é uma iniciativa conjunta das Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão e do Instituto de Artes e seu sucesso pode ser comprovado pelo número de espectadores que compareceu às salas de teatro do DAD para assistir aos espetáculos de 2006: mais de



3.200 pessoas prestigiaram a mostra de trabalhos artísticos desenvolvidos pelos alunos de graduação em Teatro.

A programação deste ano inicia no dia 4 de abril com o espetáculo "Ânsia". Dirigida por Júlia Rodrigues, esta montagem adapta texto da polêmica dramaturga inglesa Sarah Kane para contar a história de um homem e uma mulher que vivem e revivem sua relação amorosa. O casal compõe quadros e formas do relacionamento humano para revelar seu mundo interior, colocando em cena desejos, necessidades dolorosas, memórias, medos, desespero e esperança, montando a partir da fragmentação e da repetição um quebra-cabeças de emoções e lembranças. Elenco: Cibele Donato e Paulo Brasil. A peça será encenada todas as quartas-feiras de abril, com sessões às 12h30min e 19h30min, na sala Alziro Azevedo.

Programação completa

Abril

Ânsia

Local: Sala Alziro Azevedo

Maio

Dos Porquês e do Não-Pode-Ser

Local: Sala Qorpo Santo

Junho

O Defunto

Local: Sala Alziro Azevedo

Setembro

Seis Personagens à Procura de Autor

Local: Sala Qorpo Santo

Outubro

Margaridas Enlataadas

Local: Sala Alziro Azevedo

Novembro

Oco

Local: Sala Qorpo Santo

► CINEMA/DVD/VÍDEO

A História vai ao cinema
com Aplicação

Nova edição do projeto de extensão do Colégio de Aplicação da UFRGS, que exhibe filmes relacionados a diferentes períodos históricos. A coordenação é do professor Nilo Piana de Castro e mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3308-3436 e 3308-4022

MAUÁ, O IMPERADOR E O REI (Brasil, 1999, 134min), de Sérgio Resende. O filme mostra a infância, o enriquecimento e a falência de Irineu Evangelista de Souza (1813-1889), empreendedor gaúcho mais conhecido como barão de Mauá, considerado o primeiro grande empresário brasileiro e responsável por uma série de iniciativas modernizadoras para a economia nacional, ao longo do século XIX. Mauá, um vanguardista em sua época, arrojado na luta pela industrialização do Brasil, tanto era recebido com tapete vermelho, quanto chutado pela porta dos fundos por D. Pedro II. Com Paulo Betti, Malu Mader, Othon Bastos, Antonio Pitanga e Rodrigo Penna. Data: 11 de abril, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Entrada franca

POLICARPO QUARESMA, HERÓI DO BRASIL (Brasil, 1998, 123min), de Paulo Thiago Baseado no clássico romance "Triste fim de Policarpo Quaresma", do autor pré-modernista Lima Barreto, o filme conta a história de Policarpo Quaresma, uma espécie de Dom Quixote verde-e-amarelo. Sonhador inveterado, ele acredita ser um visionário que espera dias grandiosos para o nosso país. Sua primeira luta é no Congresso, onde quer que o tupi-guarani seja adotado como a língua oficial do Brasil. Sua maior aliada é a afilhada Olga, por quem tem um afeto especial. Ele também encontra ajuda no poeta Ricardo Coração dos Outros, trovador e compositor de modinhas, através das quais conta a história desse herói tupiniquim. Com Paulo José, Giulia Gam, Chico Díaz, Bete Coelho, Ilya São Paulo, Antonio Calloni, Othon Bastos e Cláudio Mamberti. Data: 18 de abril, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Entrada franca

Cineclube da Filosofia

JAGUAR (França, 1954, 85min), de Jean Rouch. Primeiro longa-metragem do cineasta e etnógrafo, que estabeleceu novas fronteiras para o cinema contemporâneo ao transpor os limites entre o documentário e a ficção. O filme acompanha a viagem de três amigos nigerianos à Costa do Ouro (atual Gana, na África Ocidental), em busca de fortuna e novas oportunidades. Jean Rouch subverte as convenções da linguagem documental, abrindo espaço para a construção de uma nova realidade em cinema. A exibição integra o curso de extensão "Clássicos pelos clássicos" do Departamento de Filosofia da UFRGS, e a sessão será seguida de comentários do professor Jânio Alves. Data: 18 de abril, quarta-feira Local e horário: Auditório da Livraria Cultura, às 19h Entrada franca

► TEATRO



O santo guerreiro

Espectáculo que propõe o diálogo entre teatro e antropologia social, ao tomar como ponto de partida a vida de um dos santos mais populares e controversos da tradição católica. A história de São Jorge, o santo guerreiro, um soldado romano martirizado por se declarar cristão, é contada num ritual dramático, que remete a uma sessão de umbanda, e tem um exu como narrador. A narrativa convida o espectador a construir sua própria leitura sobre a vida dessa figura fundamental para a religiosidade brasileira. O trabalho é resultado de dois anos de pesquisa desenvolvida pelo professor Xico de Assis e integra as comemorações dos 50 anos de criação do Departamento de Arte Dramática. Elenco: Xico de Assis, Pablo Damian e Patrick Peres. No dia 23 de abril, dia do santo guerreiro, haverá apresentação especial às 19h seguida de debate com convidados. Temporada: apresentações de 13 de abril a 28 de maio, nas sextas-feiras Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h Entrada franca com distribuição de senhas uma hora antes das sessões

► CURSOS, PALESTRAS E OFICINAS

Extensão em dança

Curso promovido pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes, que será ministrado pela renomada coreógrafa e professora Eva Schul. O objetivo é possibilitar uma experiência em dança e expressão criativa do movimento, desenvolvendo uma linguagem que possa ser utilizada, tanto como forma de expressão artística popular quanto como consciência corporal para a saúde do dia-a-dia. A atividade tem a coordenação da professora Carmem Lenora. Período: 9 de abril a 27 de junho Local e horário: Departamento de Arte Dramática, segundas e quartas-feiras, das 18h às 19h30min Taxa de inscrição: R\$ 150 Informações: Departamento de Arte Dramática da UFRGS ou pelos telefones 3311-9926 ou 9252-2725

Tamburilando – Acompanhamento na música popular brasileira

Curso com o violonista Felipe Azevedo, vencedor do prêmio Açorianos, que desenvolve uma maneira inovadora de tratar o acompanhamento instrumental na canção popular brasileira. A partir de enfoques diferenciados, desenvolve a estruturação harmônica e a organização rítmica elaborada em diversas camadas de sonoridade. A atividade é direcionada a músicos e estudantes da área e tem a coordenação do professor Fernando Lewis de Mattos. Período: 11 de abril a 30 de maio Local e horário: sala 41 do Instituto de Artes, nas quartas-feiras, das 19h30min às 21h30min Taxa de inscrição: R\$ 200 Informações: Coordenadoria de Extensão do Departamento de Música, sala 62 do Instituto de Artes, telefone 3308-4325

Oficina de percussão e ritmos brasileiros

Oficina que proporcionará a prática de diversos ritmos brasileiros. Data: abril a dezembro Local e horário: sala de música do Colégio de Aplicação, nas terças-feiras, das 15h15min às 16h30min. Taxa mensal: R\$ 10 Informações: 3308-6994

► TV

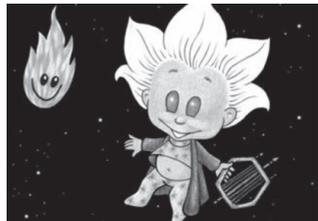
TV UFRGS: Conhecendo a UFRGS

O programa deste mês destaca o Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupacs), do Departamento de Geografia. Veiculação: dia 12, quinta-feira, 21h30min Onde assistir: UniTV, canal 15 da NET

► PLANETÁRIO

Programas para crianças e adultos

Em todos os domingos de abril o Planetário da UFRGS exhibe dois programas audiovisuais. O ingresso é 1kg de alimento não perecível, que será doado a entidades filantrópicas. Estacionamento gratuito.



LÍRAX E VEGALUZ (infantil, 48min), acompanha as aventuras da menina Rosa com seu amigo de outro mundo e seu mascote luminoso. Horário: 16h

JORNADA NO SISTEMA SOLAR (adulto, 56min), apresenta um passeio detalhado através de nosso sistema planetário. A ciência e a investigação sobre a estrutura e dinâmica dos planetas, satélites e pequenos astros que compõem o complexo conjunto ligado ao Sol. Horário: 18h

Projeto Selene

Programa de observação por meio de telescópio de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre, que inicia logo após o pôr-do-sol no pátio do Planetário José Baptista Pereira. Em caso de mau tempo, a atividade é cancelada. Data: 21 e 22 de abril, sábado e domingo Entrada franca

► ESPECIAL

Fronteiras
do pensamento

Seminário internacional organizado pela Copesul em parceria com a UFRGS, Uergs, Unisinos e PUCRS. Neste mês, o evento, cujas inscrições estão encerradas, será realizado no Salão de Atos da UFRGS, das 19h30min às 22h. Informações pelo telefone 3333-6475 ou através do site www.fronteirasdopensamento.com.br

A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA, OU SE O MUNDO TODO FOSSE BRASIL Conferência com o historiador Peter Burke, professor emérito da Universidade de Cambridge, especialista na Idade Moderna europeia e também em assuntos da atualidade, enfatizando em suas análises a

relevância de aspectos socioculturais. É autor de mais de 30 livros, muitos deles publicados no Brasil, como *O que é história cultural?*, *A fabricação do rei*, *Hibridismo cultural* e *Uma história social do conhecimento*. Data: 10 de abril, terça-feira

CAMINHOS DA DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA

Conferência com o intelectual e político Jorge Castañeda Gutman. Historiador, com Ph.D. em História Econômica pela Universidade de Paris, tem ativa participação na vida política mexicana, tendo sido candidato à presidência do México nas eleições de 2006. Escreveu mais de uma dezena de livros, como *A Utopia desarmada* e *Che Guevara - A vida em vermelho*. Também é colunista dos jornais Reforma (México), El País (Espanha), Los Angeles Times (EUA) e

da revista Newsweek (EUA). Data: 17 de abril, terça-feira

O CAPITALISMO DINÂMICO: O QUE É E COMO CHEGAR LÁ Conferências com Edmund Phelps e Marcelo Portugal. Phelps, ganhador do Prêmio Nobel de economia de 2006, é professor da Universidade de Columbia (EUA). Em sua recente pesquisa sobre capitalismo, estudou as causas e soluções para o desemprego. Seu livro mais recente é *Rewarding Work* (1997). Marcelo Portugal é professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS e editor da revista *Economia* da Associação Nacional de Centros de Pós-graduação em Economia. Recebeu os prêmios da Caixa RS de Economia da Cultura e CoreconRS (2005) e é autor de vários artigos relacionados à área, publicados no Brasil e no exterior. Data: 24 de abril, terça-feira

Ânia Chala

Ele tem 62 anos, uma ponte de safena e muita energia. Sempre disposto a aceitar desafios, Carlos Alberto Martins Callegaro diz ter horror à monotonia. Por conta disso, desde que se aposentou como professor da Escola de Administração, em 2002, já deu aulas na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), presidiu a Associação dos Antigos Alunos da UFRGS, trabalhou na campanha do PSDB ao governo do estado e, em março, assumiu a reitoria da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs).

“Depois que me aposentei, devo ter ficado uns três ou quatro meses imaginando que tiraria férias de um ano. Mas, em seguida, fui convidado para lecionar na Unisc, onde trabalhei até o início deste ano.”

Em maio de 2006, quando colaborava com o PSDB na campanha eleitoral para o governo do estado, sofreu uma crise cardíaca e teve que submeter-se a uma cirurgia para colocação de ponte de safena. Ao trabalhar na montagem da equipe de governo, foi indicado para assumir a Uergs. “Entendi o convite como o coroamento de uma longa atividade acadêmica, que começou na Escola de Administração. Fico lisonjeado com os desafios e sempre procuro fazer alguma coisa diferente, porque acho a rotina desestimulante. Quando as coisas caem na normalidade há uma tendência à acomodação.”

Infância no Majestic – Carlos Alberto nasceu em de 1945, na cidade de São Paulo, de pai e mãe industriários. O casal trabalhava na área administrativa de uma fábrica de cigarros. Na década de 50, o pai assumiu a gerência da filial da empresa em Porto Alegre e a família instalou-se no Hotel Majestic. “O Mario Quintana morava lá, e os proprietários eram pessoas fantásticas. Aquele era praticamente o único estabelecimento que aceitava crianças.”

O menino Carlos tinha cerca de oito anos e sua irmã, Alcione, era bem mais nova. A rotina da família era simples: o pai trabalhava na rua Sete de Setembro, Carlos Alberto estudava no Colégio das Dores, e Alcione no Colégio Sevigné. À noite, a família costumava caminhar até a praça da Alfândega, para apreciar o

Carlos Alberto Martins Callegaro

Fugindo da monotonia



Aposentado dinâmico Desde que deixou a Escola de Administração, o professor envolveu-se em novos desafios

movimento. O apartamento em que moravam tinha uma sacada de onde se avistava o lago Guaíba, e a principal diversão era observar os navios. “A vida de hotel é pobre em relacionamentos, pois não há parentes para visitar. Nas férias, íamos a São Paulo, para a casa de familiares”, recorda o professor.

Depois do hotel, moraram na Cidade Baixa, e, mais tarde, num prédio na rua Ferreira Viana, no bairro Petrópolis. O jovem Carlos Alberto passou a freqüentar o Petrópolis Tênis Clube e fez amigos, com os quais ia à piscina e aos bailes. Até hoje esse grupo se reúne eventualmente.

Quando ele ingressou na primeira turma do curso de Administração da PUCRS, em 1964, a família mudou-se para a rua Ramiro Barcellos. “Naquela época, a Administração tinha pouco

prestígio e sobravam vagas. Ingressaram 28 alunos e, ao fim do curso, formaram-se apenas 12.”

Disposição para mudar – Nos primeiros tempos de faculdade, Carlos Alberto foi funcionário do Citibank, mas o emprego não durou muito: depois de nove meses, cansou do ritmo monótono e demitiu-se. Por coincidência, o prédio do banco em que ele teve seu primeiro emprego com carteira assinada hoje abriga a reitoria da Uergs, instituição que preside desde março.

Em seguida, ingressou na Química Industrial Brasileira (Quim-Brasil), multinacional do grupo Santista, onde trabalhou por 12 anos, até sentir que era hora de buscar novos horizontes.

Ao deixar a empresa, ele soube que o antigo Instituto de Administração da UFRGS, que originaria o Centro de Estudos e Pesquisas em

Administração (Cepa), estava selecionando pessoal. Inscreveu-se e foi contratado imediatamente. “Por volta de 1977, quando um dos professores licenciou-se, fui convidado a substituí-lo, mas só fiz concurso bem mais tarde.”

Em busca de realização – O casamento com a bióloga Vera Callegaro já dura 38 anos. Eles já se conheciam desde a adolescência, pois freqüentavam o Petrópolis Tênis Clube. O casal tem duas filhas: Adriana, formada em Arquitetura e que vive no Japão, com o marido e a filha Isabela, nascida há poucos meses; e Graziela, a caçula, graduada em Direito, que se casou e foi morar em Florianópolis.

O professor diz que em sua família todos procuraram desenvolver sua própria carreira. “As pessoas têm que fazer o que for necessário para se realizar.”

A luta pela criação da Escola de Administração

A trajetória de Carlos Alberto Callegaro na UFRGS começou em 1977. Cinco anos mais tarde, ele lideraria a criação do curso de especialização em marketing, um dos primeiros oferecidos pela universidade. De 1994 a 1996, nomeado pela reitora Wraza Panizzi, coordenou a criação da Escola de Administração e, quando houve a primeira eleição para diretor, foi escolhido por seus pares. “Interpretei isso como uma homenagem de meus colegas pelo empenho que eu e o professor João Luiz Becker demonstramos na luta por um espaço próprio para a instalação da Escola.”

Enquanto o curso de Administração funcionou junto à Faculdade de Ciências Econômicas, os alunos tiveram aulas em 16 diferentes prédios nos campi da UFRGS, o que representava um enorme transtorno. “O curso não tinha identidade, porque

ninguém sabia onde ficava”, lembra o professor, que promoveu a instalação do centro acadêmico da nova unidade em seu próprio gabinete.

Quando soube da desocupação da sede da Delegacia Regional do MEC, localizada na rua Washington Luiz, Carlos Alberto entrou em contato com a então deputada federal Yeda Crusius, solicitando uma audiência com o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza. O encontro ocorreu, o pedido foi oficializado e o ministro acabou entregando o prédio à UFRGS. “O edifício tinha 3.300 m² de puro cupim. Na manhã em que fizemos a aula inaugural um aluno caiu, porque sua cadeira estava infestada por cupins.”

Em 1998, graças aos esforços de todos os professores da Escola, o prédio foi todo reformado. “Tínhamos uma visão de universidade e de

unidade e sempre achamos que quanto melhor fosse a unidade, maiores as chances de crescermos. Penso a mesma coisa aqui na Uergs: se a universidade não crescer, sairei frustrado.” Mas a mudança enfrentou resistências, pois alguns professores não queriam sair do Campus Centro. “Gostaria que aquele prédio estivesse ao lado da reitoria, para que todos vissem o que fazíamos, porque tínhamos fama de mercados que usavam o nome da universidade em proveito próprio. Nunca dei bola para isso e sempre disse que devíamos continuar fazendo nossos projetos, comprar o equipamento que achássemos necessário para a Escola e patrimoniar tudo em nome da UFRGS, por conta do espírito de coletividade”.

O fato de que, hoje, as turmas de graduação, mestrado e doutorado da

Escola de Administração da UFRGS usufruem as mesmas instalações, segundo o professor, criou um movimento cinérgico, com resultados positivos para a formação dos estudantes. “Sou absolutamente contra a separação entre graduação e pós-graduação, porque nem o doutor, nem o mestre se beneficiam e muito menos a graduação, que é a razão primeira da universidade.”

Perguntado se ainda mantém laços com a UFRGS, ele responde que “seria útil dentro da Escola como o diabo, por ser velho, para evitar uma série de tentativas de reinventar a roda”, mas afirma que seu tempo já passou. “No entanto, penso que a instituição jamais deve abrir mão de alguém como o professor Manoel Luiz Leão ou de uma entidade como a Associação dos Antigos Alunos.”

“

Nunca estudei na UFRGS. Fui professor, ajudei a criar uma escola, orientei muitos alunos. Acho que é exatamente isso que a torna uma grande universidade: o fato de reunir pessoas com as origens mais diversas.”

“

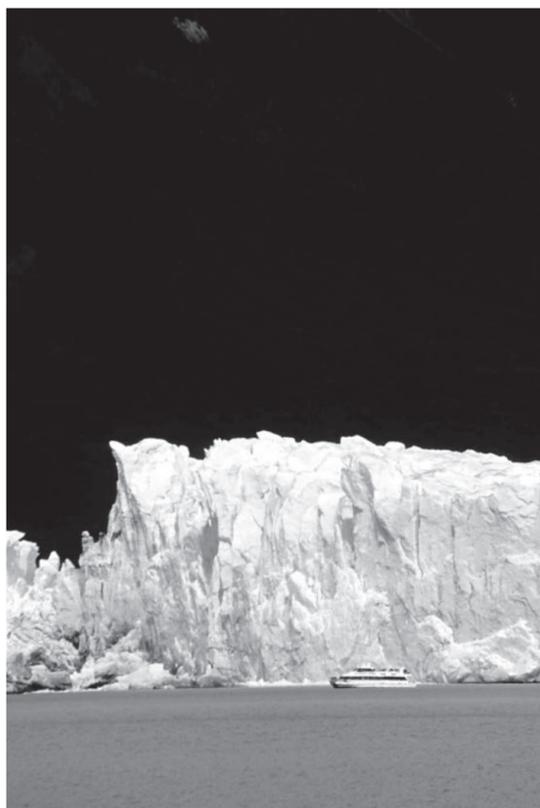
“O maior erro que fizemos foi manter a Associação dos Antigos Alunos fora da UFRGS, pois as pessoas que fazem parte daquela entidade são a memória viva da universidade. A universidade perde quando deixa de aproveitar a experiência dos recursos humanos que lá estão.”

“

“Penso que a universidade deva assumir a colação de grau como um ato seu, pois ao contrário do que se diz por aí, a formatura não é um momento do aluno e sim da instituição que está lhe conferindo o diploma.”



Patagônia



Entre as grandes viagens a serem realizadas por este planeta, certamente uma das mais sensacionais é a que toma os caminhos do sul da Argentina e do Chile.

Na porção argentina da Patagônia, localizada ao sul da província de Buenos Aires, a partir dos rios Colorado e Neuquén, as paisagens são impressionantes: estepes infundáveis de tom amarelado, contrastando com geleiras de um azul profundo, montanhas de granito que amanhecem vermelhas como se estivessem incandescentes, áreas de proteção à fauna que reúnem pingüins, lobos e elefantes marinhos, orcas e baleias francas. E, sempre, o quase proverbial vento, que faz da região um lugar rude, que desfaz o juízo e endurece o viver.

As imagens deste Ensaio foram realizadas em fevereiro deste ano, na região do Parque Nacional Los Glaciares, na província argentina de Santa Cruz, e tentam mostrar um pouco da região e sua variedade de ambientes. Outras imagens desta viagem podem ser vistas em www.projetointato.com.br.



FOTOS DE FLÁVIO DUTRA

